



Boletim Cultural & Memorialístico de São Tiago e Região

Desde 2007 | Ano XIX | Nº CCXVII | Outubro/2025

Acesse a versão digital em www.sicoob.com.br/web/sicoobcreddivertentes

AS QUATRO VIDAS DE UM... CORETO

Poucas coisas dizem tanto sobre a Arquitetura interiorana do que os famosos, simpáticos e carismáticos coretos. E em São Tiago não seria diferente. Numa crônica leve e cheia de informação, o colaborador Fabio Antônio Caputo discorre exatamente sobre isso.

Página 3

Mais que um prato: a poesia do frango à mesa

"Hoje tem frango! Frango na mesa!". Um frenético, alvorocado e incontido frenesi tomava conta dos moradores da fazenda, em especial os filhos menores, ao avistarem um cavalo estranho comprazendo-se, refastelando-se no pastinho próximo à sede. Lábios e estômago apeteciam-se previamente do deguste, pois a figura e presença do animal faziam toda a diferença no rude cotidiano doméstico – sinal de visita, significando o afrouxamento do azorrague paterno enquanto este anfitriónava o hóspede; além de regalos da mesa, cardápio aprimorado, o apetecível e inigualável frango na mesa, recheado com quiabo...".

Página 6



Já ouviu falar sobre o primeiro produtor de polvilho da região?

Há bem pouco tempo o ingrediente essencial à cozinha mineira foi pauta de artigo em nosso boletim. Não que precisasse ser lembrado... Ou melhor: que tivesse sido esquecido. Foi, antes, homenageado – afinal, é presença recorrente nos aromas, nas mesas, nos estômagos e na própria Economia são-tiaguense baseada na dobradinha do Café-com-(inigualável) Biscoito. Marcus Santiago, no entanto, traz um nome importante para essa história: Miguel Justiniano.

Página 8

Barbacena, um refúgio europeu

"O antigo Arraial da Igreja Nova (elevada à categoria de vila em 1791) foi importante e vital ponto de passagem, ao longo da história, para muitos viajantes, especialmente durante o período colonial-imperial e de expansão do Caminho do Ouro, rota comercial e histórica que ligava o Rio de Janeiro ao interior de Minas Gerais. Inúmeras expedições e personalidades notáveis passaram por ali, dentre estes exploradores, viajantes, artistas, cientistas, como Langsdorff, os naturalistas Spix e Martius, Richard Burton, James Wells, Saint-Hilaire, Pohl, Rugendas, John Mawe, Von Eschwege, Freireyss, Luccock, Robert Walsh, Cunha Mattos, Alcide D'Orbigny, Ernst Hasenclever e tantos outros".

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



Página 10

PREÂMBULO

MUNDO BIÔNICO

Vivemos uma era de individualismo, narcisismo, transformismo. Inquietudes, fluidez, mutabilidade, impermanência. A "fantasia da plasticidade infinita do eu" no dizer do sociólogo Anthony Elliott.

As pessoas buscam uma remodelação incessante de si; assim, a reconfiguração do corpo, do sexo, da alma em todos os níveis possíveis. O repaginar, o descartar, o reinventar. A mudança imediata, a busca de resultados a curto prazo, senão automáticos ao simples toque de um aplicativo, de um contato. Assim, uma dieta radical ainda que à base de anabolizantes, a cirurgia plástica ou bariátrica para se buscar formas adornadas ou de redução de obesidade, spas e clínicas de estética locupletadas, o agendar de encontros e relacionamentos em sua esmagadora maioria promíscuos, a despreocupação com compromissos e/ou responsabilidades a qualquer prazo.

A cultura hedonista, consumista, niilista, ilusionista, robotizada. A insegurança diante da diversidade de escolhas, tornando-se superficiais as relações sociais, a fragilidade dos laços afetivos, gerando-se uma atmosfera de vazio, desamor, descompromisso. A fuga à identidade, à personalidade, à estabilidade, à consciência. A recusa ao chamado à participação, à real vocação, à transformação humana e social.

Aspectos e dimensões instáveis que não se circunscrevem às condutas pessoais ou grupais. Atingem espectros sociais, econômicos e políticos. Os destemperos da corrupção acintosa, da violência institucionalizada, do descrédito das autoridades, dos graves problemas de migração, desigualdades, autoritarismo e opressão do mercado, as gravíssimas violações dos direitos humanos, do meio ambiente e dos povos, o Estado falido em todos os níveis.

Tempos que nos surgem incertos, turbulentos, de transição, quais à época do profeta Jeremias e cujas recomendações ainda nos são atualíssimas: "Não temam as notícias que ouvirem. Continuem andando!" (Jr 51,46-50). "Trabalhem para o bem da cidade, para onde os mandei como prisioneiros. Orem em favor dela, pois se ela estiver bem, vocês também estarão" (Jr 29, 5-7).

Vivemos uma sociedade pluralista onde a intolerância se evidencia, a ortodoxia e a liberalidade se confrontam, a mentira travestida de verdade invade os noticiários e as falas do cotidiano. Devemos, contudo, seguir em frente. Não podemos, em quaisquer circunstâncias e momentos, relaxar nossa vigilância ética, espiritual. Jamais sacrificar princípios de fé ante tempos estranhos, em uma sociedade sumamente carente, mas pejada de luz, de renascimento, de missão, ante novos e instigantes cenários...

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Adivinhas/Charadas



1- O que é, o que é? Não tem olhos, mas pisca; não tem boca, mas comanda.

2- O que é, o que é? À direita sou um homem, facilmente acharás. Às avessas só à noite e nem sempre encontrarás.

3- O que é, o que é? Trabalha tempo dobrado, sempre de noite e de dia. Se teima em ficar parado, só com uma corda andaria.

4- O que é, o que é? Destrói tudo com três letras.

Respostas: 1) O semáforo; 2) Raul e Luar; 3) O relógio; 4) O fim

Provérbios e Adágios

- "Se ferradura trouxesse sorte, burro não puxava carroça"
- "Azeitona em boca de banguela"
- O lobo pode perder os dentes, porém sua natureza jamais.
- Não importa o quanto você foi longe no caminho errado. Volte para trás.

Para refletir

• *Elegância não é ser notado, é ser lembrado.*

(Giorgio Armani)

• *Aprendi o silêncio com os faladores, a tolerância com os intolerantes, a bondade com os maldosos; e, por estranho que pareça, sou grato a esses professores.*

(Khalil Gibran)

• *Tartarugas conhecem as estradas melhor do que os coelhos.*

(Khalil Gibran)

• *Dizeis: darei só aos que precisam. Mas os vossos pomares não dizem assim; dão para continuar a viver, pois reter é perecer ...*

(Khalil Gibran)



credientes@sicoobcredientes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diélle

Coordenação: Ana Clara de Paula

Redação: João Pinto de Oliveira

Colaboração: IHG – São Tiago

Apoio: Fernanda Cristina de Sousa

Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

As quatro vidas do coreto

Em novembro de 2024 a Prefeitura de São Tiago publicou em seu site um interessante material informativo sobre a história dos coretos em nossa cidade e uma nova proposta arquitetônica para o futuro Coreto da Praça da Matriz, com subsídios históricos relevantes fornecidos pela Sra. Cairu Rezende, do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST). Pela importância intrínseca do material oficial é válido expandir, categorizar e anali-



sar as quatro vidas desse componente tão singular, talvez exótico, que vigia e acompanha a vida da cidade por mais de cem anos.

A palavra coreto tem raízes etimológicas no latim e no grego e desembarca no idioma italiano como "coretto", pequeno coro ou tribuna, o que faz sentido. Supostamente surgiu na China e foi levado para a Europa nos tempos das Cruzadas.

Coreto é uma estrutura aberta edificada ao ar livre, geralmente em praças, provida de cobertura, com o contorno no formato circular ou poligonal que sugerem uma proximidade com o quiosque. Desde sempre foi projetado como uma base importante para a diversão e atividades sociais, artísticas, religiosas e cívicas dos moradores da localidade. Uma possível imagem evocada por Coretos é sua utilização musical por Bandas e Concertos em festas e celebrações comunitárias, com famílias reunidas em volta e casais de namorados passeando. Não por acaso os coretos tiveram relevância em muitas cidades interioranas do Brasil até meados da década de 60.

O primeiro Coreto de São Tiago data do inicio do século XX. Era um coreto de estilo romântico, de detalhamento suave, uma estrutura visivelmente mais delicada e esguia que os contemporâneos. Por uma suposição válida utilizava materiais de maior leveza estética como madeira e metal. Ele dividiu espaço com a Igreja do Rosário, demolida na década de 60, no grande Largo da Matriz de São Tiago, então um terreirão de grama e terra. Também foi demolido por volta dos anos 60's, ficando o local sem Coreto. Foi a época do "Pirulito", aquela estranha base monumento em pedra para busto de estátua, sem busto de estátua, que servia como referência, ponto de encontro e construtor de amizades.

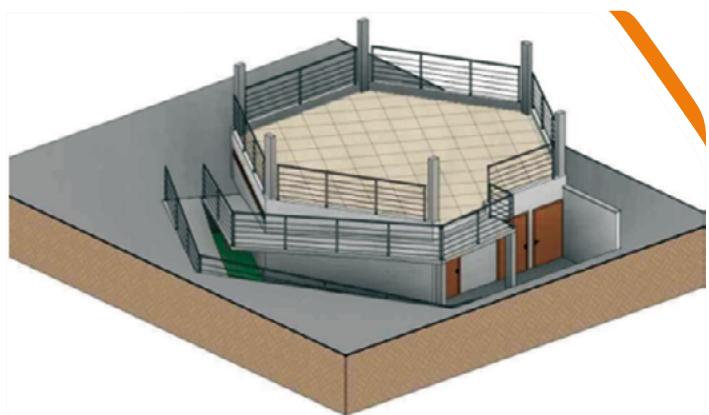
A versão anos 1970 do Coreto era um maciço octogonal de meia altura, totalmente minimalista e sem pretensões estéticas nos seus traços espartanos ou franciscanos. Uma escada para acesso livre, equipamento urbano teve uma história feliz por ter sido utilizado e o uso constante é o referendo que autoriza seu va-



lor. Existem disponíveis na internet muitas fotos de eventos cívicos, religiosos ou sociais realizados no seu palco octogonal. Além do mais, por estar ao alcance sem maiores dificuldades, era fácil para qualquer um vencer alguns degraus, sentar nos banquinhos curvos e contemplar.

A versão anos 1990 do Coreto apresentou uma opção arquitetônica que levou o equipamento urbano a uma utilização um tanto quanto fora do ideal. O imóvel apresentava um primeiro andar fechado com alvenaria, portas e janelas, como um cômodo qualquer, contando com uma escada interna que levava ao segundo andar, o Coreto propriamente dito. No térreo funcionava a Associação de Artesãos de São Tiago, o que a princípio era obviamente algo positivo e elogável, mas gerou o efeito colateral de isolar o espaço de Coreto, que pela dificuldade de acesso ficou marginalizado.

No decorrer deste ano, conforme a decisão já publicada, a Prefeitura Municipal de São Tiago deu inícios às obras de construção de uma nova estrutura de Coreto, demolindo a antiga (o que já foi feito). Essa nova estrutura seria montada em um mode-



lo hexagonal, com um primeiro pavimento semienterrado destinado a utilização como banheiro público, já construído. O pavimento superior seria um Coreto convencional em formato e funcionalidade. O croqui de projeto ainda não contempla o detalhamento do telhado.

A necessidade de se ter banheiros públicos disponíveis na cidade é apontada por moradores locais, por visitantes vindos da zona rural e até mesmo turistas. Esta reivindicação é basicamente e por princípio justa. Entretanto, é pena que exista essa reticência, banheiros destinados às pessoas em geral, seja em propriedades privadas ou em edifícios públicos serão sempre um problema. Manutenção, compromisso com a estética e higienização constante cobram um preço, inclusive além do custeio. Inserido na praça, e no caso o logradouro mais importante da cidade, esse compromisso atinge um patamar delicado e sensível. A expectativa, na verdade uma torcida sincera, é para que tudo corra a contento e que o projeto, como um todo, alcance o sucesso.



Fabio Antônio Caputo

BERNARDO GUIMARÃES

- Bicentenário de nascimento

(1825-2025)

Escritor romântico brasileiro, Bernardo Guimarães tornou-se conhecido como o criador do romance sertanejo ou regionalista, com temas bucólicos, sentimentais, de valorização das paisagens e costumes do interior do País, em especial Minas Gerais e Goiás. Sua obra, com características próprias, acha-se profundamente ligada ao imaginário cultural popular, abrangendo temática ampla – indianista, escravista, urbana, histórica, religiosa, regionalista.

Natural de Ouro Preto, onde nasceu aos 15-08-1825, filho de João Joaquim da Silva Guimarães e Constança Beatriz de Oliveira Guimarães, residiu quando adolescente em Uberaba e Campo Belo. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo (1852) onde foi colega de Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa. Juiz de Direito em Catalão (Goiás) nas décadas de 1850/1860. Exerceu ainda a crítica literária e o jornalismo, falecendo aos 10-03-1884, igualmente em Ouro Preto.

Com viés agradável, prazenteiro, empolgado por vezes, seus romances inserem um componente natural, suave, de afetiva e efetiva sensualidade, com realce para o amor vivaz, a natureza pátria com suas perfumadas florestas virgens, opiar áspero ou brando das aves ariscas. Desse imenso, exuberante cenário surgem e perpassam enredos, tipos soberbos, evocativos, inconfundíveis, representativos das tradições e particularidades natais.

Algumas de suas obras tratam de temas de nossa região como os romances "Mauricio ou os paulistas em São João Del-Rei", publicado em 1877, que retrata, como pano de fundo, acontecimentos da época da Guerra dos Emboabas (1707-1709) – combate travado entre vicentinos e forasteiros, pelo direito de exploração das jazidas de ouro recém-descobertas na região do Rio das Mortes. E ainda o romance "O Bandido do Rio das Mortes", publicado em 1904, uma complementação/sucessão do romance anterior ("Mauricio ou os paulistas em São João Del-Rei") que reproduz, igualmente, episódios da Guerra dos Emboabas. O enredo, ao contrário do que pressupõe o título, trata da paixão do personagem Mauricio por Leonor, filha do capitão-mór, jovem também cortejada por Fernando, um nobre, seu primo, de má índole, interessado unicamente em seus bens e ainda o ódio existente entre bandeirantes – conquistadores das minas de ouro – e reínóis (portugueses), grupos estes que se engalfinharam em sangrentas lutas, como visto, pelo direito de exploração das recém-descobertas jazidas de ouro na região.

Para a elaboração desses dois romances, Bernardo Guimarães percorreu a região do Rio das Mortes, em especial São João Del-Rei, Tiradentes e redondezas⁽¹⁾ “conversando com tropeiros, garimpeiros, moradores em busca de informações acerca das tradições, linguagem, modos de sentir e pensar do sertão mineiro, inspirado no modelo de ficção praticada por José de Alencar”.

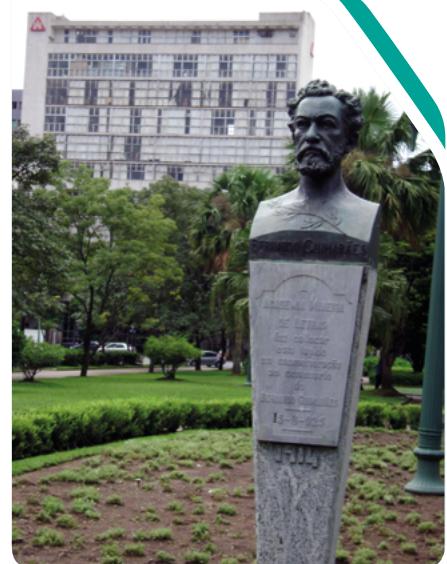
Bernardo Guimarães, em seus romances, dirige românticas e fagueiras palavras a São João Del Rei: “Se não a conheces (...) pergunta àqueles que a tem visitado, se não ficaram encantados com aquele aspecto faceiro e risonho (...) e que dá-lhe a aparência de noiva gentil, que traz sempre na frente a grinalda da festa nupcial e nos lábios o sorriso da alegria e do amor. Reclinada pela fralda de um serrote de pouca elevação, chamado a serra do Lenheiro, cujo dorso denegrido, árido e esburacado contrasta singularmente com a perspectiva risonha e vicejante da planície, parece travessa e risonha pastorinha que, pousada sobre a pelúcia verde dos prados, com os braços abertos e o sorriso nos lábios, como que está dizendo ao viandante fatigado:

– Vem a meu seio gozar de repouso e prazer. É a terra dos frutos e das flores (...) dos risos e das festas, da beleza e do amor. É a Nápoles de Minas” (Obra “Mauricio ou os paulistas em São João Del Rei”, 1877, p. 5).

Segundo o pensador e crítico Basílio de Magalhães, “Mauricio é romance de costumes versando sobre o episódio da guerra dos emboabas que Júlio Ribeiro também aproveitou para o seu romance “Padre Belchior de Pontes” (...) é a obra de mais fôlego de Bernardo Guimarães e, no gênero, a mais bela”. “É irrecusável, nos lineamentos gerais e em certas particularidades a semelhança do

“Mauricio” de Bernardo Guimarães com o “Padre Belchior de Pontes” de Júlio Ribeiro. O episódio fundamental é o mesmo – o da guerra dos emboabas – e há cenas comuns às duas obras como a caçada, o da luta da onça e até a descrição da gruta de calcária...” (“Bernardo Guimarães: esboço biográfico e crítico” 1926).

Já o crítico José Veríssimo analisa depreciativamente Bernardo Guimarães como “um contador de histórias”, “língua pobre”, “adjetivação corriqueira”, “pensamento trivial”, “artista inferior”... (“História da Literatura Brasileira” pp. 128/143).



Busto de Bernardo Guimarães, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte.

NOTAS

1)– A oralidade registra sua passagem pela região, provavelmente pelo mesmo caminho “de dentro” (Ouro Preto) que, entre nós, saindo de São João Del-Rei, acompanhava o curso dos Rios das Mortes e do Peixe, passando por Santa Rita do Rio Abaixo, São Tiago, Morro do Ferro em direção à antiga capital mineira.

São Tiago, em fins do século XIX e inícios do século XX, em especial nas décadas de 1920/1930 contava com grupo ou clube de leitores e estudiosos dos grandes literatos do País, sobressaindo-se aqui os nomes de Octávio Leal Pacheco, Prof. Joaquim Pinto Lara (Quinzinho), Carlos Silva, membros da família Mata – Cincinato, Dorval – e ainda muito especialmente Joaquim Campos Filho (Quinzinho Cego). Embora deficiente visual, Quinzinho era confeedor, admirador e divulgador das obras de grandes escritores pátrios, principalmente Bernardo Guimarães de quem (Quinzinho) conhecia praticamente todos os romances, que lhe eram lidos por sobrinhos – e por ele integralmente memorizados.

Ver matéria em nosso boletim nº XXXII – maio/2010.

Obras

Cantos da Solidão (poesia – 1852)

Inpirações da Tarde (poesia – 1858)

O Ermitão de Muquém (escrito em 1858 e publicado em 1869)

A Voz do Pajé (drama – 1860)

Poesias Diversas (1865)

Evocações (1865)

Poesias (volume que reúne as quatro obras de versos anteriores publicadas e mais o poema *A Baía de Botafogo* – 1865)

Lendas e Romances (contos – 1871): *Uma História de Quilombolas, A Garganta do Inferno, A Dança dos ossos*

O Garimpeiro (romance – 1872)

História e Tradições da Província de Minas Gerais (crônicas e novelas – 1872: *A Cabeça do Tiradentes, A filha do fuzileiro, Jupira*)

O Seminarista (romance – 1872)

O Índio Afonso (romance – 1872)

A Escrava Isaura (romance – 1875)

Novas Poesias (coletânea de versos – 1876)

Maurício ou Os Paulistas em São João del-Rei (romance – 1877)

A Ilha Maldita ou A Filha das Ondas (romance – 1879)

O Pão de Ouro (conto – 1879)

Folhas de Outono (coletânea de versos – 1883)

Rozaura, a Enjeitada (romance – 1883)

O Bandido do Rio das Mortes (romance terminado em 1905 por Teresa Guimarães, mulher do autor)

Dança dos Ossos



Festa na Comunidade dos Melos

A comunidade dos Melos, localizada no município de São Tiago, está situada a 18 km da sede. O acesso se dá por uma estrada de terra bem conservada, que diariamente recebe intenso fluxo de veículos: motos, carros de passeio, tratores, ônibus escolares, veículos da saúde, ambulâncias, vans e caminhões que transportam leite, gado e diversas mercadorias para as numerosas propriedades rurais da região.

Nesta época do ano, a estrada se torna ainda mais encantadora: ladeada por inúmeros ipês-amarelos, suas flores colorem o verde seco das pastagens e o verde dos cafezais, tendo como fundo o céu azul-claro.

No dia 17 de agosto, tive o prazer de conhecer essa comunidade, uma das mais antigas do município. Segundo o Sr. Carlos Magno, renomado artista e restaurador, Melos já existia antes de 1750, composta por sítios, fazendas e por uma belíssima igreja. O templo, de altar rococó com entalhes barrocos, conserva ainda um antigo sino doadão pelo Sr. Palumbo, conforme relato de seu neto.

As pinturas da igreja, provavelmente realizadas por artistas da região de Oliveira, diferenciam-se do estilo de Manuel Vitor de Jesus e de Natividade, pintores de destaque em nossa região. A padroeira da comunidade, Imaculada Conceição, está solenemente representada em uma imagem antiga, de beleza singular, ornamentada com véu, coroa e palma branca. Para a festa, a imagem foi colocada em um andor ricamente adornado com flores naturais.

O terreno da igreja pertenceu à família do Monsenhor João Alexandre de Mendonça, natural de São Tiago. Ele atuou por muitos anos na cidade de Cláudio, onde é lembrado com carinho e reconhecimento pela comunidade claudiense, assim como seu sobrinho, o reverendíssimo Pe. José Alexandre de Mendonça, que seguiu sua missão em Carmo do Cajuru. Atualmente, a comunidade da Imaculada Conceição dos Melos está sob a jurisdição da Paróquia de São Tiago.

A festa da padroeira contou com grande mobilização. Moradores, festeiros, colaboradores, ministros extraordinários da comunhão e pessoas da região dividiram tarefas e se empenharam para que tudo acontecesse de forma solene. Apesar da distância, tive a alegria de receber pessoalmente um

convite do festeiro Sr. João Ananias, que, mesmo sem me encontrar em casa, deixou um bilhete escrito com apreço, convidando-nos para a celebração e para o tradicional leilão em benefício da capela.

A festa ocorreu às 14h. A capela ficou cercada por carros e repleta de pessoas — crianças, idosos e visitantes — todos envolvidos em um ambiente de fé e alegria. Logo na entrada, uma grande mesa, coberta por uma bonita toalha, recebeu as prendas do leilão, que foram sendo acumuladas ao longo do dia: ovos, feijão, fubá, mel, café, polvilho, doces, tapetes, vasilhas, biscoitos, abóboras, além de dois porquinhos e até um pato vivo.

A celebração eucarística reuniu um grande público. A capela ficou lotada e muitos fiéis acompanharam também do lado de fora. O Pe. Aparecido presidiu a missa, auxiliado pelos diáconos Giovani Oliveira e Rogério Aneliton. A cerimônia foi marcada pela fé, pelos louvores, cânticos e orações. Em seguida, realizou-se a procissão. A comunidade, em clima de devocão, acompanhou cantando e rezando enquanto carregava a imagem de Nossa Senhora.

A Lira Batistana, de Morro do Ferro, acompanhou o cortejo com dobrados religiosos. Na chegada, os fiéis foram recebidos com fogos e confetes. A banda permaneceu em frente à igreja, executando canções marianas, e também animou a todos com chorinho, samba e modas sertanejas.

Não faltou também o tradicional café comunitário, preparado com fartura e variedade: comidas caseiras, quitandas, bebidas e, sobretudo, muita hospitalidade. Enquanto uns degustavam, outros cozinhavam e contavam causos, em um ambiente familiar e acolhedor. Os leiloeiros circulavam entre as pessoas, animando a todos e arrecadando fundos para a capela.

Foi, sem dúvida, uma festa religiosa marcada pela fé, pela alegria e pelo envolvimento de todos. A comunidade de Melos demonstrou, mais uma vez, sua força, tradição e espírito de partilha, reafirmando sua importância histórica e cultural no município de São Tiago.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

RELATOS DA VIDA

“...E TINHA FRANGO NA MESA”

- Hoje tem frango! Frango na mesa...

Um frenético, alvorocado, incontido frenesi tomava conta dos moradores da fazenda, em especial os filhos menores, ao avistarem um cavalo estranho comprazendo-se, refastelando-se no pastinho próximo à sede. Lábios, estômago apeteciam-se previamente do deguste, pois a figura e presença do animal faziam toda a diferença no rude cotidiano doméstico – sinal de visita, significando o afrouxamento do azorrague paterno enquanto este anfitriónava o hóspede, além de regalos da mesa, cardápio aprimorado, o apetecível e inigualável frango na mesa, recheado com quiabo... E aceipipes mais...

Eufóricos, a um sinal da cozinha, os próprios petizes colaboravam na captura dos galináceos, criados à solta, às centenas, pelos pátios e pastos da propriedade. Ninhos de ovos eram encontrados, ademais, dispersos por celeiros, silos e tulhas, disputados por bípedes e por toda sorte de animais silvestres comuns por aquelas bandas. Uma abundância de cerrar os olhos e abrir, de vez, estômagos...

Propriedade próxima às margens do Rio São Francisco, onde se cultivava cana, milho, ao lado de considerável produção leiteira, com rebanho de meia centena de matrizes girolando. Uma grandiosa carpintaria, conhecida em todo o meio – onde todos da casa gostavam de trabalhar – tomava amplo espaço à entrada da fazenda. Região servida por linha férrea a atravessar, garbosamente, aqueles rincões, meados do século passado, trazendo movimentação de pessoas, cargas comerciais, acalentando idilios e quantos e tantos itinerários oníricos.

O árduo trabalho praticamente em regime familiar. Prole numerosa, cerca de dez filhos das mais variadas idades, ali cuidando da ordenha das inúmeras vacas, plantio de lavouras, maquinários a serem lubrificados, serviçama que incluía dia e noite, seca e água, meses, anos a fio. Um ou outro trabalhador de fora, em caráter ocasional. A lide com o gado, a pé ou a cavalo, por consideráveis distâncias da propriedade. O trabalho com a foice ou roçadeira a tração animal na limpeza de pastos, o cansaço no decorrer da dura jornada sob sol escaldante ou fortes tempestades, o eco do machado evadindo-se pelos flancos das ravinas, ressoando como fel no imo do peito, no fundo do cérebro. Pai severo, senhorial, dominador, impassível.

O que intrigava, indignava, fundamentalmente, os filhos era o regime de servidão imposto pelo pai. Trabalhavam duro o dia todo, não tinham folgas sequer nos dias santos e feriados, não aufriam um niquel sequer como mesada ou a título de remuneração por menor que fosse; eram desprovidos de uma roupa decente, um calçado digno, escolaridade regular, tendo acesso, praticamente, às primeiras letras. Sem direitos a lazer, brincadeiras. Ao menor movimento lúdico ou descanso, eis o pai, irritado, distribuindo e determinando tarefas por vezes descabidas, às vezes maltratos físicos. Frequência a festejos, bailes nem pensar. Com que roupa, praticamente a de zurra, sem acesso a indumentária social melhor, de moda? Cursar uma escola continua, fora de cogitação na visão paterna. Como vencer tamanha intransigência? Como lidar com a apatia, o anestesramento da mãe?! Tratados, enfim, como mouros, meros cativos.

Viam os filhos do fazendeiro vizinho – rapazes e moças – bem vestidos, frequentando escolas de alto nível, carros do ano, participando de festas, viagens, enquanto eles ali pobemente trajados, apenas com o ensino elementar de primeiras letras aprendido na escola do povoado próximo, sem um trocado no bolso. As irmãs já moças constrangidas ante



a irredutibilidade e insensibilidade paterna em aceitar pedidos de namoro, fazendo-o às ocultas. Humilhação. Frustração. Ressentimento. Cólera.

Cultivavam sentimentos entre a raiva e melancolia, indignação e impotência, buscando alguma explicação, condescênciaria para aquela situação real, as atitudes insólitas do pai, onde até mesmo a mesa, em meio à fartura e à riqueza produzidas naqueles domínios, era comedida, austera, só aprimorada quando de visitas.

Cobrado, o pai sempre alegava dificuldades financeiras. Mas como?! Forneciam cerca de 50 mil litros de leite mensalmente à industria de laticínios da vizinhança; vendiam toneladas de cana para a usina açucareira, propriedade de famoso e polêmico empresário mineiro, que ali mantinha inúmeras fazendas, imóveis e indústrias ligadas ao agronegócio; a carpintaria a todo vapor, com dezenas e dezenas de clientes, fornecendo madeira para fazendas próximas, para a construção civil na cidade e praticamente toda a região.

O pai parecia um desses tirânicos governantes islâmicos ou chefe de alguma seita de puritanos, poder extremo de ultraconservadorismo e dominação. Admoestações de familiares próximos e mesmo autoridades (o próprio vigário o advertira, a esse respeito, em várias oportunidades) quanto à rigida postura foram ineficazes para a retificação comportamental daquele inusitado, empertigado patriarca.

Relação que passaria a tensão, anuviação, à detonação. Ambiente de revolta, sublevação. Ele com 13 anos. Um outro de seus irmãos, pelos seus 18 anos, exímio marceneiro, expõe-lhe, em sigilo, um plano de fuga. Tinha o irmão mais velho contactos e endereços de firmas madeireiras do norte do País, que abasteciam a serraria da fazenda e poderiam, em seu propósito de evasão, chegarem até lá. Era uma recusa ao caminho único, ao universo alienante, à linha reta imposta, anos a fio, pelo pai. Negação aos limites circunstanciados do meio familiar, em direção a uma visão, a horizontes mais ampliados, descortinados além dos tapumes da fazenda, que tanto os aprisionavam. Afinal, o portal da liberdade chegava-lhes principalmente pelos ouvidos, o matraquear dos trens que deslizavam pelos trilhos nos arredores da fazenda, noite e dia, num convite a navegar novos espaços, a palmilhar outros mundos além dos bordões e grilhões paternos.



Em sigilos preparativo, assunto tratado exclusivamente entre os dois irmãos, certa noite, após apropriarem-se de certa quantia em dinheiro do pai, tomam o trem na estação próxima. Deixaram um bilhete explicando a destemida atitude. A abrupta fuga dos filhos alcançaria enorme repercussão familiar e em toda a comunidade. Afinal, dizia-se à socapa, a qualquer momento a tampa da panela explodiria, a cratera do vulcão se abriria. Cobrado, vergado pelos acontecimentos, o pai, enfim, de forma gradual, acordaria de sua hipnose retrógrada, letárgica, passando a melhor interagir, doravante, com os demais filhos, harmonizando-se parcialmente as relações caseiras.

Habituados, desde crianças, à áspera lide rural, sabiam que os trilhos aparentemente lineares, libertários da ferrovia, também trazer-lhes-iam cenários de incertezas, vulnerabilidades, reptos. Pouco ou praticamente nada conheciam do mundo externo. Todavia, o ânimo de vocação renascida, ainda que fugitivos em meio ao deserto, os impeliam à frente. Teriam que ter humildade, simplicidade, caminhar com sandálias em terra estranha, relutantes, esfuziantes ante o novo, descortinando capítulo de suas existências.

Chegaram os jovens fugitivos a Goiânia, onde passaram um telegrama tranquilizador para a família, se desculpando, uma vez mais, do contratempo e desgosto ante a sua inopinada atitude. Ali permaneceriam alguns dias, com a constatação de que o dinheiro subtraído estava no fim, minado pelas despesas de hotel, refeições, aquisição de vestuário, alguma ferramenta de ofício. Decidiram prosseguir a viagem rumo ao norte do País, mais precisamente o Pará, como era o plano original, viajando por terra, a pé, de carona ou ainda a bordo de alguma embarcação em locais de rios. Excelente profissional, o irmão realizava serviços em povoados, fazendas, cidades, onde quer que parassem e com os recursos amealhados, iam sobrevivendo e prosseguindo o roteiro previamente traçado. Observando o irmão no manejo das ferramentas, com as quais tinha já rudimentar trato, em meio às peripécias de deslocamento, passara igualmente a dominar os segredos da

arte da madeira. Geralmente bem acolhidos em sua travessia, ainda que, por vezes, lesados por contratantes de seus serviços. Após meses em sua travessia, chegaram a Marabá, onde conseguiram facilmente empregos em serrarias, mantendo contactos eventuais com a família em Minas.

O irmão, bem conceituado na empresa onde trabalhava e, após algum tempo, com salários e cargos de chefe, casaria com moça de conceituada família local. Tinham se passado, nesse interim, sete, oito anos. O mais jovem, narrador da saga, por sua vez, matriculara-se em escolas locais, completando o ensino fundamental e concluído o ensino médio, com sonhos de estudar engenharia. Disse, um dia, ao irmão: – Vou em casa ver nossos pais e demais irmãos. Afinal, já se passaram anos longe do lar. Lá decidirei se retorno a Marabá ou se fico de vez, por lá...

Assim o fêz, comunicando previamente aos familiares em Minas acerca de sua decisão e participando-lhes a data de seu retorno. Era já um moço esbelto, experiente, amadurecido, vivido e curtido pela vida.

À sua chegada na estação da cidade natal, pela manhã, ei-la recheada de familiares, amigos, autoridades, vizinhos, curiosos. Uma recepção pomposa à qual ele jamais esperava auferir, por quanto não só toda a família, mas praticamente considerável parte da população local ali se fazia presente. Cidade em festa acolhendo o filho que, anos antes, dali partira em situação inusitada. A família já ampliada, pois alguns de seus irmãos e irmãs tinham se casado, com vários rebentos à mostra e a acolhê-lo.

Os pais preparam um lauto almoço na fazenda, ao qual compareceram dezenas, centenas de convivas, incluindo autoridades, em momento impar de alegria, congraçamento, reconciliação.

Ao encerrar sua narrativa, ante os ouvintes atentos, ainda fazendo considerações sobre o almoço, nosso amigo, entre lágrimas (todos os demais presentes igualmente comovidos), esclareceu, enfático, quase em êxtase:

– ... e tinha frango na mesa!

No transcorrer de décadas em que atuamos no movimento cooperativista, mormente o de crédito, participamos de dezenas e dezenas de seminários, cursos de capacitação, viagens, visitas, assembleias, MBA, lives, videoconferências, webinar gerando um acervo de relevantes experiências pessoais e profissionais. Mundo, como sabemos, que nos cobra tantas competências técnicas, habilidades específicas, diplomas, certificações, cursos, espaços de trabalho, contatos e círculos profissionais, sociais.

Dentre os inúmeros cursos presenciais frequentados, registramos os de formação de dirigentes cooperativistas, promovidos pelo SICOOP CENTRAL CREDIMINAS, em especial sob a coordenação do inclito Prof. Inocêncio Magela, profissional modelar e jubilar a quem o sistema cooperativista mineiro e nacional muito devem. Um de seus métodos ou técnicas era o de escuta, de percepção da sensibilidade, maturidade, vivência dos dirigentes-alunos, oriundos dos mais diversos rincões do Estado, cada um com sua história, sua identidade, sua biografia, convivência, diversidade e quantos relatos riquíssimos por seu humanismo, quantos dramas, sagas, peripécias ali narrados, em si enriquecedores da alma e da cultura mineira.

Há um dia ou um evento especial em nossa vida. Um acontecimento, uma passagem, algo extraordinário que nos tangenciam a existência, nos afetando, nos marcando de forma emocional, devocional, relevante, impactante. Impressões, insights, abordagens, experiências, imagens retidas e tecidas em nosso passado, que nos afetam e rotulam a trajetória existencial, por vezes nos estigmatizando, nos abalando profundamente.

– Que fato mais marcou a sua vida? Eis a inesperada pergunta feita pelo professor Inocêncio em uma das muitas aulas e cursos promovidos pela Central Cooperativista em processos de capacitação de dirigentes.

Todos temos, em pequeno ou maior nível, histórias de superação a serem relatadas, ações desenvolvidas ao longo da existência em meio a obstáculos, adversidades, contingências cotidianas e com um quê de consistência, de triunfo.

Muitos dos participantes, como já mencionado, vindos das mais diversas regiões do Estado, eram já pessoas maduras, com largos anos à frente de suas organizações cooperativistas e atividades profissionais. Cada um a seu modo, expõe um fato ou experiência que lhe marcaram a jornada. Situações de infância e juventude, mesmo da maturidade, um que escapou de um naufrágio em lagoa, outro vítima de sérios bullings, alguém que enfrentou rumorosos escândalos em família, outro que combateu jagunços e posseiros em localidades no norte do País onde a disputa por terras era à prova de bala, etc.

Terá o eminentíssimo prof. Inocêncio recolhido tantos causos, tantas narrativas que, em si, constituem um valiosíssimo relicário da memória coletivo-cooperativista mineira ?!

Um senhor, já cinquentão do Alto São Francisco, narrou sua peripécia de adolescente, juntamente a um irmão mais velho, na verdade uma fuga da casa paterna, relato que emocionou a todos e que se acha registrado nas páginas correntes. Emocionante história de vida, sem dúvida!

JPO

Paulo Freire

Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921.

HOJE CELEBRAMOS SEU ANIVERSÁRIO!

Filho de Joaquim Temístocles Freire, um capitão da Polícia Militar, e de Edeltrudes Neves.

Paulo Freire iniciou sua educação no Colégio 14 de Julho, no Recife.

Com 13 anos perdeu o seu pai. Estudou com dificuldade financeira.

Em 1943 foi à Faculdade de Direito do Recife.

Por sua competência foi escolhido diretor do Departamento de Educação e Cultura de Pernambuco.

Depois esteve lecionando português no Colégio Oswaldo Cruz e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Vida dura de professor...

Em 1955, com amigos fundou o "Instituto Capibaribe", uma escola inovadora.

Método de Paulo Freire

Em 1960, preocupado com os adultos analfabetos na área rural desenvolveu um método de alfabetização.

Era um método baseado no vocabulário do cotidiano e da realidade.

Por exemplo: o agricultor aprendia as palavras, cana, enxada, terra, colheita etc.

Assim os alunos pensavam as reais questões sociais relacionadas ao seu trabalho é à vida doméstica.

O "Método Paulo Freire" (1962) em Angicos, no Rio Grande do Norte, foi usado na educação de trezentos trabalhadores da agricultura.

O projeto foi consagrado conhecido como "As 40 horas" e mostrou ser muito eficiente.

No curso a conversa girava em torno das condições dos tra-

balhadores: remuneração, garantias, saúde enfim tudo que influenciava a vida dos alunos.

O sucesso do sistema ganhou as manchetes dos jornais na época do presidente João Goulart, Jango.

Paulo Freire se tornou uma estrela da educação brasileira, e o presidente incluiu o método no Plano Nacional de Alfabetização.

Entretanto veio a ditadura do poder econômico/militar, infelizmente.

Foi perseguido e exilou-se no Chile com a revolução de 64.

Após um tempo, foi à Europa, passou um ano em Cambridge, depois Genebra, Suíça.

Só voltou ao Brasil em 1979.

Estabelecido em São Paulo, tornou-se secretário de Educação de São Paulo.

Foi professor da UNICAMP e da PUC.

Conhecido como o "Pai da Educação" foi reconhecido como o brasileiro com mais títulos de "Doutor Honoris Causa" nas universidades de todo o mundo.

Ao todo são 41 instituições, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford.

Em 1986 recebeu o Prêmio da Unesco de "Educação para a Paz".

"Pedagogia do Oprimido" é o livro mais conhecido do educador e filósofo. Nele propõe uma pedagogia de relacionamento entre professor, estudante e sociedade.

Anísio Teixeira e Paulo Freire, foram grandes educadores, um liberal e o outro progressista. Dedicaram-se à Educação, como o maior bem de um povo e que por ela devemos lutar.

Morreu em São Paulo no dia 02 de maio de 1997, com 76 anos.

www.franciscoreisbastos.com.br

MIGUEL JUSTINIANO E A PRODUÇÃO DE POLVILHO

Entre os povoados de Fontes e Florinda, no caminho para o distrito de Mercês de Água Limpa, existia um lugar onde o tempo parecia repousar: o Sítio Varginha. Ali, a vida se desenrolava no compasso lento dos carros de bois que, rangendo suas rodas pesadas sobre o chão batido, cortavam as estradinhas de terra como quem marca o ritmo da própria existência. No alto do sítio, rodeado por vizinhos trabalhadores, vivia o Sr. Miguel Justiniano de Carvalho, homem de mãos calejadas e de sabedoria forjada na convivência íntima com a terra.

Ele foi o primeiro fabricante de polvilho da região. As raízes de mandioca, além da produção local, chegavam em grandes montes, trazidas nos carros de bois por moradores conhecidos: Mário Machado, Quinca Machado, Dorico Machado, Chiquito Lara e tantos outros. A vizinhança, unida pelo costume e pela fartura, entregava a mandioca que o Sr. Miguel transformava em polvilho fresco. Esse produto, tão valorizado, perfumava as cozinhas das casas simples com o cheiro dos biscoitos assados e fritos, enquanto a raspa servia para o tratamento dos porcos, garantindo o sustento da criação.

Mas não era apenas de polvilho que vivia aquele sítio movimentado. Lá também se moía milho, no velho moinho d'água, que girava ao som da correnteza, triturando os grãos com paciência até se tornarem um fubá finíssimo, quase uma farinha — inclusive o fubá de canjica. As donas de casa conheciam o valor desse fubá: era o segredo do mingau bem feito, da broa dourada assada sobre brasas na panela de ferro, no fogão à lenha depois da janta, e do bolo cheiroso que saía do forno de cupim nas tardes frias.

Quando chegava a época do corte da cana-de-açúcar, o movimento se intensificava ainda mais com a moagem. No engenho, o fogão fumegava sem cessar, espalhando no ar o aroma doce do açúcar mascavo (açúcar preto), preparados com cuidado e sem pressa. Garapas e melados completavam a produção. Assim, três produtos sustentavam aquele recanto: o polvilho, o milho e a cana — três dádivas da roça, transformadas em alimento, memória e

saudade de um tempo que já não volta.

Quem viveu aqueles dias não esquece: o som cadenciado das rodas do carro de boi; o barulho da água movendo as pedras do moinho; o cheiro da canjica cozinhando no tacho; as delícias do polvilho estalando no forno, do fubá se transformando em broa, do café adocicado com açúcar preto, da garapa fresca escorrendo do engenho... Tudo permanece guardado como um retrato antigo na lembrança.

E assim, entre ralar mandioca, moer cana e triturar milho, Miguel Justiniano escreveu sua história — não em papel, mas no coração e na memória de todos que se alimentaram do fruto de seu trabalho e levaram adiante a tradição de uma terra feita de simplicidade, esforço e sabor. Seu legado sustentou a si, à sua família e a tantos outros que dele dependiam.

Casado com Alacarque Trindade de Carvalho, Miguel foi pai dedicado de Maria de Nazaré (in memorian), Sílvia, Nilza, Antônio Justiniano, Ari, Rosarinha, Tarcísio e Selma — filhos que carregaram, cada um à sua maneira, a herança do trabalho honrado e da vida vivida com dignidade.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



EXPRESSÃO “METER-SE EM CAMISA DE ONZE VARAS”

A expressão “Meter-se em camisa de onze varas” significa envolver-se em uma situação difícil, complicada, embarçosa, problema sério, possivelmente insolúvel ou em trabalhos, serviços e situações superiores às suas forças. Algo desconfortável, arriscado.

Em alguns momentos, com o mesmo sentido, ouve-se também a variante “meter-se em camisa de sete varas”.

A origem da expressão “meter-se em camisa de onze varas” é polêmica. Teria origem na Inglaterra onde, em tempos antigos, os condenados à morte, ao subir no patíbulo, vestiam uma camisa (camisola ou túnica) de pano branco e grosso, uma espécie de saragoça, de onze varas de comprimento. Era esta a mesma conduta imposta pela Inquisição aos condenados e supliciados em seus horríveis autos-de-fé. A vara era uma medida inglesa correspondente ao yard, equivalente a 1,10m. As vésrias dos condenados à força, porém, apenas cobriam os pés dos supliciados, não medindo, pois, onze varas, cerca de 12 metros e dez centímetros de comprimento.

No interior brasileiro, há/havia o curioso costume de esticar, ao sol, o couro cru de uma rês morta, com o uso de 11 varas de madeira.

Há um mesmo e certo sentido/variante na expressão “meter-se em calças pardas” ou “meter-se em meias pardas”, uma sentença comum pelos séculos XVII e XVIII. O sentido original, segundo o filólogo João Ribeiro, estava ligado à ousadia donjuanesca dos sedutores de mulheres, onde “pardo” referia-se/sugeria o impeto arrojado dos nobres a romper as barreiras da virgindade de suas vassalas. “Calças” ou “meias pardas” eram, então, insinuações ou rotulações da virgindade.

Segundo ainda João Ribeiro, a expressão “camisa de onze varas” teria origem, por sua vez, nos termos/parônimos árabes “al-kandar” (alcandara) que, em espanhol, significa camisa longa e talar, camisa de dormir e “al-kandara” – em espanhol alcandor, alcândara, palavra que não passou ao português corrente – que tem o significado de vara, poleiro onde descansava o falcão ou descansa o papagaio. Daí a correlação entre as palavras “camisa” (alkandar) e “vara” (alkandara) na mesma frase, influência, talvez, dos tempos da dominação árabe em Portugal, estar na fusão de sentido entre roupa ou camisa longa e o da vara também longa.

Outra explicação é de que a parte exterior – parede/muralha de um castelo entre duas torres – geralmente de mais de 10 metros de altura, era chamada de camisa. Tentar transpô-la era uma aventura, uma situação de altíssimo risco.

Ainda, segundo outras fontes, a citada expressão estaria ligada ao antigo feixe de varas dos juizes, quando determinavam a aplicação de açoites com varas (tagantes) aos réus, geralmente com o dorso nu e em praça pública. Câmara Cascudo cita, a esse respeito, o estatuto da Confraria de Santa Maria do Castelo de Thomar, ano de 1388, que menciona: “Se algum confrade ferir outro confrade com espada ou com cutelo, entre em camisa de tagantes. Aquele que a seu confrade der punhada ou lhe messar a barba, entre em camisa a cinco tagantes”. Desde o tempo do rei Afonso Henrique, século XIII, as penas de açoite em Portugal eram aplicadas por cima da camisa. Conforme a resistência física do condenado. Um documento de então, mencionado por Viterbo, dizia: “Toda mulher torpe, que, sem causa, injuriar a mulher honesta, leve cinco açoites por cima da camisa” Com o uso da camisa, evitava-se maior dilaceração da epiderme. Ser açoitado em exibição pública, usando camisa (chicotadas por cima da camisa) era uma forma maior de humilhação e muito temida, pois lembrava que o sentenciado ou condenado era um fraco, que não resistia ou suportava açoites diretamente sobre a pele, comparado a uma “mulher torpe”. Ser assim exposto e açoitado publicamente era opobrioso, extremamente humilhante, dai o cuidado em evitar-se tamanha desonra.

Câmara Cascudo em seu livro “Locuções Tradicionais do Brasil” faz referências ainda ao “gibão de açoites” (pancadas aplicadas às costas) e “calçadas” (aplicada com uma perna de calça cheia

de areia grossa e pedras), retalhando a carne, podendo mesmo matar o supliciado, barbaridades aplicadas conforme relatos à época da rainha D. Maria I, século XVIII.

ETIMOLOGIA – A palavra vara, origina-se do latim “vara” no sentido de ramo flexível, haste, vareta, bastão, pedaço de madeira fino e flexível, peça de madeira róliça, comprida e delgada. A vara era utilizada como insignia dos magistrados na Roma Antiga, passando, com o tempo, a ser usada e a designar, no contexto jurídico, à jurisdição de um juiz ou à área de competência civil ou criminal de um tribunal ou ainda divisões de jurisdição da comarca onde atuam mais de um juiz. Figurativamente tem o sentido de punição, repressão (“estar sob vara”, “ser levado sob vara” e afins).

A vara tem sua origem na **fascies** da Antiga Roma, de origem etrusca. Fasces era uma espécie de bastão utilizado para abrir caminho, entre a multidão, dando-se passagem aos magistrados. Os funcionários públicos encarregados de ir à frente de um magistrado, com feixe de varas (fascies) para que este pudesse passar livremente eram chamados de **latores**.

Nas “Ordenações Manuelinas” a palavra “vara” foi incorporada ao direito português como símbolo do juiz ordinário, encarregado de decisões locais de uma vila. Ao caminhar, portava obrigatoriamente uma vara vermelha (o juiz de fora utilizava uma vara branca). Tal norma foi mantida, em parte, pelas “Ordenações Filipinas”, promulgadas em 1603, vigorando, no Brasil, até o surgimento do Código Civil em 1916.

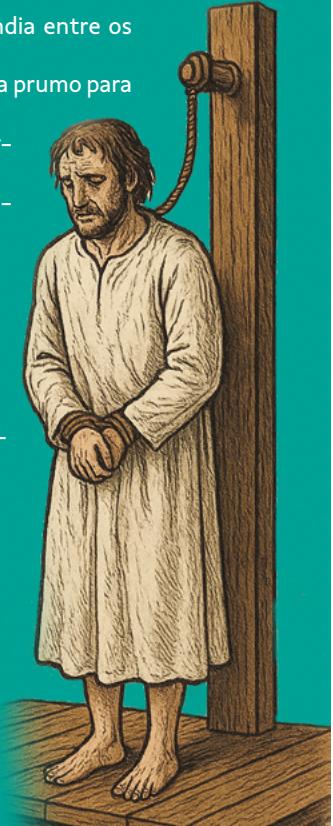
“E os juizes ordinários trarão varas vermelhas e os juizes de fora brancas, continuadamente, quando pela vila andarem, sob pena de quinhentos réis por cada vez que, sem ela, forem achados” (Ordenações Filipinas – Livro 1, & 1º, Título LXV, p. 135).

OUTROS SENTIDOS DA PALAVRA “VARA”:

- ◆ Coletivo de porcos, porcada
- ◆ Tubo que se retira e se coloca no trombone (instrumento musical)
- ◆ Antiga medida de comprimento equivalente a 1 metro e 10 centímetros
- ◆ Vara de Condão – vara mágica a que se atribui o dom de fazer encantos e sortilégios
- ◆ (Tremer como) vara verde – estar tomado de grande medo ou pânico
- ◆ Nome de furacão comum na Índia entre os meses de setembro e outubro
- ◆ Vara de lagar – tronco de árvore a prumo para espremer a azeitona
- ◆ Peça com se juntam os bois (carro de bois)
- ◆ Varar o barco – pôr o barco em local seco para manutenção
- ◆ Varapau – justaposição ou junção de Vara + Pau, no sentido de vara ou pau comprido usado como cajado, bordão e figurativamente refere-se a pessoa alta, magra. A palavra “pau” vem do latim “palus” com o significado de pau, estaca, poste.

Mas, Cuidado!

A palavra “varão”, no sentido de homem de valor, coragem, nobreza e muito utilizado na antiguidade e na Bíblia, vem do latim “varro, varonis” que significa “homem”. Seria uma variante, segundo estudiosos, do francês “baron” (barão) que era um funcionário real na Idade Média, e deste, por sua vez, do germânico “baro” (homem livre).



PERSONALIDADES ESTRANGEIRAS E REFUGIADOS DE GUERRA QUE SE ESTABELECERAM EM BARBACENA – FINAL DO SÉCULO XIX E 1ª METADE DO SÉCULO XX

Barbacena, o antigo Arraial da Igreja Nova (elevada à categoria de vila em 1791) foi importante e vital ponto de passagem, ao longo da história, para muitos viajantes, especialmente durante o período colonial-imperial e de expansão do Caminho do Ouro, rota comercial e histórica que ligava o Rio de Janeiro ao interior de Minas Gerais. Inúmeras expedições e personalidades notáveis passaram por ali, dentre estes exploradores, viajantes, artistas, cientistas, como Langsdorff, os naturalistas Spix e Martius, Richard Burton, James Wells, Saint-Hilaire, Pohl, Rugendas, John Mawe, Von Eschwege, Freireyss, Luccock, Robert Walsh, Cunha Mattos, Alcide D'Orbigny, Ernst Hasenclever e tantos outros. Localidade igualmente utilizada pela família imperial portuguesa em suas viagens ao território das Minas (D. Pedro I em 1822 e 1831; Princesa Isabel em 1881; D. Pedro II em 1889). Tristemente celebrizada em final do século XVIII pela presença e atuação da famigerada "Quadrilha da Mantiqueira", bando sanguinolento que assaltava e assassinava viajantes, provocava sequestros, saques de mercadorias e outros crimes nefandos.

Por ela, então denominada Fazenda da Borda do Campo, se hospedaria (1711) a expedição de 6.000 homens, arrebanhados no território das Minas, inclusive em nosso meio, rumo ao Rio de Janeiro para combater a invasão francesa, sob o comando do corsário Duguay-Trouin. Barbacena sempre teve fundamental participação nos eventos políticos do Estado e do País, incluindo atuação exponencial na Inconfidência Mineira. Vários de seus filhos ou aí domiciliados e estabelecidos, foram presos e degredados, dentre eles José Aires Gomes, Pe. Manoel Rodrigues da Costa, Domingos Vidal Barbosa Lage, Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes, Pe. José Lopes de Oliveira, e ainda Joaquim Silvério dos Reis, o infame delator, homem de negócios e proprietário de fazendas em Barbacena. Foi Barbacena, outrossim, a séde (capital) da chamada "Revolta de Barbacena" ou "Revolta Liberal" (1842), rebelião surgida ante a insatisfação mineira contra as decisões da Corte e a marginalização da Província de Minas. Foi, então, aclamado José Feliciano Pinto Coelho como presidente interino da Província, estendendo-se a revolta por várias regiões da Província. Dadas a inexperiência militar e as divergências políticas entre os revoltosos, a sedição foi rapidamente sufocada pelas tropas imperiais sob o comando de Caxias.

Cidade que receberia, igualmente, imigrantes – em especial italianos – emprestando complexo e multifacetado processo demográfico, cultural e humano à região. Por outro lado, tornar-se-ia sombriamente conhecida como "Cidade dos Loucos" por abrigar o Hospital Colônia para doentes mentais – triste período de nossa história, estigmatizado como o "Holocausto Brasileiro". Uma celebrizada música "Trem de doido" de Lô Borges, inspirada em contos de Guimarães Rosa, abrange temática voltada para a dolorosa situação dos alienados mentais confinados em Barbacena.

Conhecida, ademais, por codinomes de repercussão nacional e internacional como a "Cidade das Rosas", "Atenas Mineira" dada a sua condição de pólo produtor de flores ornamentais e de celeiro de intelectuais e sábios. Acolheria, de igual forma, inúmeros refugiados europeus, com ênfase para os meados do século XX, fugindo às perseguições nazifascistas e aos horrores da II Guerra Mundial, objeto da presente matéria.

Barbacena conta, outrossim, em sua galeria histórica, com inúmeros filhos ilustres ou ainda personalidades notáveis que aqui residiram, a saber: Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Horta, marquês de Barbacena; Marcelino José Ferreira, 1º barão de Pitangui; Marcelino de Brito Pereira de Andrade, barão e visconde de Monte Mário; Ary Barroso; Murilo Mendes; Abgar Renault; Amilcar de Castro; Leonardo Miggiorin; Guimarães Rosa, Mendes Pimentel, Silva Jardim, Virgílio de Mello Franco, Prudente de Moraes, Barão de Macaúbas (Colégio Abílio), Teófilo Ottoni, Santos Dumont, Honório Armond, Mariano Procópio, Belisário Pena, Marechal Lott, Sobral Pinto, Hélio Costa, Theobaldo Tollendal, Beata Isabel Cristina, Stefan Zweig etc



Casa-Museu Georges Bernanos, onde o escritor viveu em Barbacena

REGISTROS PICTÓRICOS – As primeiras pinturas sobre Barbacena datam da década de 1820. O militar e artista inglês Henry Chamberlain (1796-1844) em sua passagem para Vila Rica, em 1820, retratou o arraial de forma idílica, primitiva, sendo, ao que se conhece, o primeiro registro (imagem) pictórica da cidade. Trata-se de pequena aquarela onde são retratados os telhados do casario, o verde dos quintais, a igreja da Piedade (ou Matriz, segundo outros críticos), os flancos da alongada colina onde hoje se situam a Rua XV e Praça dos Andradas.

Barbacena aparece ainda no poema "Marilia de Dirceu" do poeta inconfidente Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810), mencionada como "Igreja Nova", denominação antiga da cidade. Preso no Rio de Janeiro por sua participação na Inconfidência Mineira, envia dentre as masmorras, uma mensagem de amor à sua amada Marilia, então em Vila Rica: "Toma de Minas a estrada / Na Igreja Nova que fica / ao direito lado, segue / sempre firme a Vila Rica" (Lira XXXVI).

Ainda pinturas de Rugendas, quando de passagem do artista alemão por Barbacena, são de 1824, porém somente publicadas em 1835, na Alemanha, em sua obra "Malerische Reise in Brasilien" ("Viagem Pitoresca através do Brasil").

Vários motivos e agentes causais levam as pessoas à migração, deslocando-se de sua terra natal, sejam questões econômicas, sanitárias, humanitárias; guerras e conflitos armados; perseguições religiosas, políticas, étnicas. O grande fluxo de imigrantes para o Brasil deu-se, segundo historiadores, entre 1889 e a década de 1930, quando 3,5 milhões de estrangeiros aportaram em nosso País. Apenas os Estados Unidos e Argentina, no continente americano, nesse período, receberam mais imigrantes que o Brasil.

O grande e tétrico conflito internacional, que foi a II Guerra Mundial (1939-1945) levaria milhares de europeus, mormente de origem judia, a buscarem o Brasil como nova pátria, um novo e confortador regaço, fugindo às perseguições e atrocidades nazistas.

Somos, graças a Deus, um povo e uma nação de alma cosmopolita, fraternalista, bafejados pelos valores da liberalidade, democracia, espiritualidade. Inúmeras raças, credos, povos compõem a nossa nacionalidade, sendo o direito à fé, ao pensamento, à liberdade de manifestações de culto, uma constante em nossa história, em especial nos últimos tempos. Uma dura conquista! Daí não podermos permitir que atores de qualquer naípe, de conceituações radicais e autocratas, nos levem à alienação, nos firam a fé, nos retirem a maturidade pessoal, sejamos cidadãos comuns ou profitentes. A prudência, a moderação, a cortesia, a hospitalidade são características próprias, inalienáveis de nosso povo, em especial de nós mineiros, sempre criativos, combativos em prol da liberdade e da probidade.

Minas Gerais, em particular nossa região Vertentes, receberia(m), dessa forma, muitos estrangeiros, em todos os tempos e momentos, acolhendo-os com benemerência e guarida, merecendo destaque a cidade de Barbacena, a "Princesa dos Campos das Vertentes", "a Cidade das Rosas", onde se fixaram alguns ilustres refugiados europeus, que ai buscaram – e encontraram – o aconchego de novo, solidário, afetuoso lar. Lembramos que Barbacena, cidade de largas tradições cívico-patrióticas, participou ativamente de vários movimentos e marcantes lutas ao longo de nossa história como Inconfidência Mineira e Revolução Liberal (1842).



ALGUNS DOS ILUSTRES REFUGIADOS EUROPEUS QUE SE INSTALARAM EM BARBACENA:

I - GEORGES BERNANOS – Francês, nascido em Paris, aos 20/02/1888, filho de Emile Bernanos (de origem romena) e Hermance Moreau. Passou a infância em Pressim, tendo estudado em estabelecimentos religiosos. Jornalista de estilo planfetário e escritor vigoroso, ganhou notoriedade ao publicar, em 1926, o romance "Sous le soleil de Satan", traduzido para o português por Jorge de Lima. Outro livro seu "La Joie" ganhou o prêmio Femina-Vie Heureuse. Em 1931, publica outro celebrado romance "La grande peur des bien pensants" e em 1936 "Le journal d'un curé de campagne" ("Diário de um pároco de aldeia" transformado em filme); em 1938 publica "Les grandes cemitéries sous la lune", uma veemente crítica à rebelião franquista na Espanha.

Católico com inclinações monárquicas, grande crítico da burguesia, tinha uma habilidade incomum para explorar os recônditos da alma humana e suas complexas personalidades, influencian- do escritores, pensadores e leitores até os dias de hoje. Escrita rica em imagens e emoções, fazendo de cada página um convite à reflexão, ao raciocínio, à reverberação.

Autor de vasta produção literária, dentre tantos outros "L'imposture", "Jeanne", "Relapse et Saint", "Un crime", "La nouvelle histoire de Monchette", "Une nuit", "Scandale de la vérité", "Saint Dominique", "Nous autres français", "Dialogues des carmélites" (1948, peça teatral obra póstuma), "Monsieur Ouine" (para muitos críticos, sua obra prima) etc.

"Aquele que não viu a estrada ao amanhecer, não sabe o que é a esperança" (Georges Bernanos).

Com a convulsão da II Guerra Mundial, mudou-se para o Brasil, passando por cidades como Itaipava, Juiz de Fora, Pirapora, fixando-se, enfim, em Barbacena, onde residiu entre 1938 a 1945, residindo no sítio "Cruz das Almas" (hoje museu). Veio acompanhado da esposa Jeanne Bernanos com quem se casara em 1917, seis filhos (Dominique, Jean Loup, Michel, Chantal, Yves, Claude) sobrinhos e um amigo médico e família. Em Barbacena, escreveu "Lettre aux anglais", "Le chemin de la Croix-des-Ames", "La France des robots", "Monsieur Ouine".

Retornando à França em 1945, recusou convite para ocupar o cargo de ministro da Educação. Instalou-se na Tunísia, aí adoe- cendo e retornando a Paris.

Um contestador, um aristocrata da fé, da intelectoção, da verdade. Um insurgente, um indignado contra a sociedade moderna, cuja juventude é envolvida pelo materialismo, marginalidade, desespero, daí sua obra ser uma vibrante defensora da liberdade, justiça, dignidade humana.

Faleceu em Neuilly-sur-Seine (França) aos 05/07/1948.

II - BARÃO HUGO VON KRAUSS – natural de Pardubice, República Tcheca, veio para o Brasil por volta de 1893, lecionando inicialmente na cidade de Mar de Espanha (MG), transferindo-se para o Ginásio Mineiro de Barbacena, com o apoio e beneplácito do Cel. Agostinho José Pereira, então deputado provincial. Atuou ainda, por curto período, como professor de alemão em Ouro Preto, retornando em 1895 a Barbacena.

Era homem baixo, obeso, tez avermelhada, de aprimorada cultura e muita sensibilidade e gratidão para com as pessoas que o ajudaram e ao nosso País. Maçom, foi membro ativo e venerável da Loja "Regeneração Barbacenense", de cujos arquivos extraímos os devidos registros/informações.

III - DR. ADOLFO CARLOS FREDERICO REMMERS – alemão, natural de Hanover, doutor em filosofia pela Universidade de Heidelberg, homem erudito, falando com correção mais de vinte idiomas. Professor em educandários de Barbacena, igualmente maçom e membro da respeitável e centenária Loja "Regeneração Barbacenense".

IV - HUBERT STUDENIC E SUA ESPOSA GARINA – Judeus alemães perseguidos durante a II Guerra Mundial, embarcaram em Marse- lha, sob identidade falsa tcheca, inicialmente com destino à Venezuela, mas por vias do destino, aportaram no Rio de Janeiro. Acolhidos inicialmente no Mosteiro São Bento por D. Keller, monge beneditino de origem judia. Lendo, certo dia, uma pequena notícia no jornal "Correio da Manhã" sobre a existência de um polo de sericicultura em Barbacena, para lá se dirigiu, de trem.

Quem era, na verdade, Hubert Studenic ?

Seu verdadeiro nome: Hugo Simon, rico banqueiro alemão, presi-

dente e fundador do Bank Carsh Simon und Co (Bett Simonund Co), um dos mais importantes bancos berlenses, um grande mecenas e apoiador das artes, juntamente com sua esposa Gertrud Simon (Garina). Foi ministro das finanças no governo do Kaiser (1918) e amigo de grandes personalidades como Albert Einstein e Thomas Mann.

Com a tomada do poder por Adolf Hitler em 1933, e cruel perseguição aos judeus, o casal transferiu-se para a França e com a invasão do território francês pelos nazistas, decidiram sair da Europa, acabando por se fixar em Barbacena. Enfrentaria, como qualquer refugiado, as agruras e desafios de uma nova experiência em terra estranha, país distante, com imensas diferenças climáticas, linguísticas, culturais, sociais.

Sua residência à Rua Olinto Magalhães, nº 57, em Barbacena era ponto de reunião e encontro de intelectuais, refugiados europeus, artistas, pessoas do povo. Membro da alta sociedade alemã e européia, perderia cargos, patrimônio, o trabalho, a própria identidade. Assistiria o flagelo nazista torturando e assassinando seus amigos em campos de extermínio, conformando-se a uma vida simples, no interior mineiro, sob pseudônimo.

Acometido de câncer, faleceu em São Paulo aos 04/07/1950, sendo sepultado no Cemitério Redentor (SP).

V - EMERIC RACZ MERCIER – de origem romena, nascido em Cluj aos 21/12/1916. Viveu de 1935 a 1938 em Bucareste, capital da Romênia; estudou e se formou na Real Academia de Belas Artes de Brera (Milão, Itália). Em 1939, cursou escultura na Ecole Nationale-Superieure de Belles Arts de Paris. Fugiu do terror nazista aos 24 anos (1940), quando da invasão da Romênia pelas tropas alemãs, refugiando-se em Portugal, onde foi acolhido pelo casal Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva. Nesse mesmo ano, dirigiu-se ao Brasil. Alto, forte, compleição atlética, com grande talento artístico, herdado do povo romeno por força da influência religiosa (igreja ortodoxa) e da variegada cultura (eclosão de vários povos ao longo da história na Europa oriental).

Formado em Belas Artes, como vimos, desembarcou no Rio de Janeiro em abril de 1940. Viajara a bordo do navio Conte-grande, trazendo algumas cartas de apresentação para ilustres brasileiros como Mário de Andrade, Cândido Portinari, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Graciliano Ramos. Bem acolhido no Brasil, quando de uma visita à casa de Victor Konder, seis meses após a sua chegada, ali conheceu a jovem Julia Weber Vieira da Rosa (Julita), tradutora e enfermeira da Cruz Vermelha, filha do Gen. Vieira da Rosa, de destacada família cataranense, com quem se casaria. Casal com sete filhos, sendo três cariocas (Carlos André, Ana Catarina, Matias Francisco) e quatro barbacenenses (Joana Inês, Jorge Tobias, Verônica, Mônica Francisca). Um dos filhos, Jorge Tobias Mercier (1948-1982) tornar-se-ia, igualmente, um consagrado pintor.

Visitando Ouro Preto, em 1942, para a produção de pinturas da cidade – tema de edição, então, para a revista O Cruzeiro – surpreendeu-se e encantou-se com o barroco mineiro. Visitando, em uma de suas visitas a Minas, o amigo Pedro Otávio na cidade de Barbacena, optou por aí estabelecer-se, mudando-se aos 17/06/1947, residindo no Sítio Sant'Ana (hoje Museu Casa de Mercier e Parque Emeric Mercier). Executou inúmeros trabalhos em obras murais, sempre com temas religiosos, em Barbacena, Mauá (SP), no convento dos dominicanos em Belo Horizonte etc. Mesmo viajando pelo País e estrangeiro, ao longo de 50 anos, sempre se apegou à aprazível e hospitalidade Barbacena, onde se inspirava e se harmonizava em seus trabalhos religiosos e sensoriais, com temas e telas em cores austeras, fortes, trazendo uma nova perspectiva para o barroco mineiro.

Sua tônica sempre foi a pintura sacra, temática religiosa, as mais fortes cores inspiradas no evangelho de São Mateus sobre a Paixão de Cristo, (Via Sacra), a trajetória sagrada, sangrada do Mestre. A cruz como símbolo de transmutação, de passagem do humano para o divino, da morte para a eternidade., aliando o expressionismo europeu ao barroco mineiro. A partir de 1971, estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Deixou um livro de memórias "O Deportado", publicado pela Livraria Francisco Alves Editora

Faleceu de enfarto em Paris aos 01/09/1990; sepultado no dia 06/09 em Barbacena.

Balaio de Gato

A Sogra era uma boa senhora que dava muito valor ao costume de manter a casa bem arrumada, asseada, varrida e encerada. Tapetes, passadores, caminhos ou toalhas de mesa, paninhos ou suportes de crochê limpos e bem postos. As plantas, naturais como avencas e samambaias víosas e sa- dias eram assessoradas por algumas flores de plástico em vasos, que apesar de falsas satisfaziam seus critérios estéticos. Seu prazer em manter a casa bonita e organizada era tanto que construiu uma segunda cozinha na casinha da horta para transferir para lá toda a bagunça que uma cozinha ativa pode proporcionar. Mas, em São Tiago, quantas não fizeram isso?

Uma atenção especial era destinada às roupas de cama e à arrumação da cama propriamente dita. O lençol era colocado sobre o colchão de modo impecável, sem rugas e dobramentos. Depois seria a vez do virol, uma coberta e um edredom, todos perfeitamente assentados para manter o compromisso de não possuir imperfeições, gerando a superfície mais lisinha possí-



vel. Sentar na cama durante o dia era quase pecado. Diziam que ela dormia tão quietinha, sem se mexer ou sair do lugar, para que na manhã seguinte fosse fácil voltar à perfeição. Na hora de começar o batente, com todos já de pé e prontos para o dia, todas as camas já deveriam estar arrumadas, pois a autoridade definia ser esse o caráter e o compromisso da casa. Não se entregar a essa rotina era assinar uma confissão de mau comportamento familiar.

A Esposa, filha da Sogra, herdou da mãe esses preceitos, mas em um contexto mais contemporâneo, de arquitetura e decoração onde ambientes são compostos e "peças" substituem "enfeites". Visitas às lojas especializadas e consulta a publicações voltadas ao assunto ajudavam na missão.

Em um nível mais brando de preocupação e valorização, manter a casa organizada e a cama matinalmente recomposta continuou sendo uma obrigação. Sem neurálgicas, mas ainda um sério compromisso a ser respeitado.

Então, surgem os gatos! Gatinhos são predadores impiedosos e conquistadores invencíveis. Chegam ao quarto nas primeiras horas da manhã para rever seus donos e pouco tempo depois já pulam e se aboletam na cama onde ficam mesmo após os humanos levantarem para viver o dia. Quando se assusta já é o meio da manhã e quando se horroriza já é quase meio dia. E a cama desarrumada por dó de desalojar os bichinhos. Um balaio de gato.

Fabio Antônio Caputo

O ANTÍPODA DE SÃO TIAGO

Praticamente todo mundo já presenciou ou participou de uma discussão que se resume em uma pergunta: se um buraco sem fim começar a ser escavado aqui no sudeste brasileiro o destino final seria o Japão? Resposta: mais ou menos sim e mais ou menos não.

Dois pontos diametralmente opostos sobre uma superfície esférica, no caso o globo terrestre, são chamados de antípodas.

Pode não parecer tão intuitivo, mas somente 4% da superfície da Terra possuem como antípoda um ponto localizado em terra firme. Do restante, 46% dos casos o antípoda recaria em oceanos, lagos ou rios, e os outros 50% em superfície com um misto de água e terra.

Poucas dezenas de cidades possuem um antípoda locado em outra cidade, como por exemplo, Madrid (Espanha) e Weber (Nova Zelândia) ou Tangará da Serra (Mato Grosso, Brasil) e Manila (Filipinas).

Para São Tiago o prognostico geral foi respeitado. O buraco cavado a partir do centro da rua em frente à Igreja Matriz vazará o globo terrestre e emergirá no Mar das Filipinas,



aproximadamente 1700 km de Tóquio. A porção de terra mais próxima e significativa seria a Ilha de Iwo Jima, há um pouco mais de 700 km.

Iwo Jima é uma pequena ilha japonesa que se tornou importante por ter sido palco de uma das mais sangrentas batalhas da 2ª Grande Guerra Mundial, travada pelos exércitos americano e japonês. Ali foi tirada uma foto, soldados dos Estados Unidos erguendo uma bandeira no topo de uma colina após a vitória, e que se tornou icônica, tendo sido utilizada publicitariamente, e com sucesso, para elevar o moral das tropas. Existem insinuações de que a imagem registrada pela fotografia foi uma encenação, realizada após o fim da batalha de quase um mês de duração, e não o realmente acontecido em tempo real. A verdade talvez seja um pouco diferente: foram feitos dois hasteamentos autênticos, sendo o primeiro uma pequena bandeira, sem registro, e o segundo o momento eternizado.

Para quem se interessar: as coordenadas do meio da rua em frente à igreja são -20.912847° de latitude e -44.508096° de longitude, em graus decimais; para a latitude do antípoda basta trocar o sinal da coordenada, ou $+20.912847^\circ$; para o longitude do antípoda diminuir o valor original de 180° (válido para essa região do globo), ou $+135.491004$.

Essa pergunta é uma brincadeira interessante, lúdica e que provoca um assombro antes da constatação de sua impossibilidade física e técnica. Vasar o núcleo da terra, ferro sólido a 6000°C , é missão infernal. O diâmetro da terra é quase 13000 km, e o buraco mais profundo que a humanidade já criou está no Círculo Polar Ártico, com 12.2 km. É pouco!

Imagem: nationalgeographicbrasil.com
Pesquisado e adaptado por Fabio Antônio Caputo

PAULO PINHEIRO CHAGAS

1906-1983

Nasceu em 2 de Setembro de 1906, e tornou-se médico e escritor.

É fácil falar desse grande político que formou-se em medicina, no Rio, em 1930.

Formado começou a clinicar em Belo Horizonte mas interrompeu sua carreira médica para participar de um movimento político, pelo PRN, na Revolução de 1930.

Versátil, em busca do conhecimento, ingressou na política porque sabia que ela representa uma "Medicina por atacado" para melhorar o país. Teve consciência do poder da política para alavancar o progresso.

Em 1934 foi eleito deputado à Assembleia Constituinte Estadual de Minas Gerais.

Concluiu também o curso de Direito da Faculdade de Minas Gerais, em 1937.

Em 1943, na época da segunda guerra mundial, foi um dos signatários do "Manifesto dos Mineiros", de oposição ao Estado Novo. Revelava ali suas posições contra o autoritarismo e a favor da luta pela liberdade.

Foi notável orador e escritor talentoso tendo chegado a ser vice-presidente da Academia Mineira de Letras.

Chagas escreveu cerca de 25 livros.

Cito três:

1- "Teófilo Ottoni, ministro do povo"

2- "O velho vento da Aventura" e

3- "As ideias não morrem."

1- O laureado livro pela Academia Brasileira de Letras, "Teófilo Ottoni, ministro do povo", 1943, revela a biografia do grande político serrano do fim do Império brasileiro, conhecido como "o Luzia".

No livro revela-se a personalidade de um Otoni que liderou um movimento político republicano que quase derrotou o governista duque de Duque de Caxias na cidade de Santa Luzia-MG. Chagas o chamou de "apóstolo da República."

O exemplo de Teófilo Ottoni com o projeto da "Nova Philadelphia" brasileira, foi a inspiração e modelo para todos nós e teve forte impacto na formação e carreira brilhante do Dr Paulo.

2- O livro "O velho vento da aventura", 1977, é uma autobiografia sensível e brilhante. Uma vida rica de um oliveirense devotado ao país e à sociedade.

3- Em "As ideias não morrem", 1981, meu patrono desfia seus ótimos discursos, conferências e dedica o livro aos oradores de Minas.

Foi o defensor e líder do melhor governo brasileiro: o de JK.

Versátil, foi também, advogado, industrial, teve atividade comercial, securitário e fundador do jornal "O Debate".

Dono de ótima oratória e escrita clara dominava as palavras com sucesso.

Era uma atração nas tribunas e sem dúvida foi o maior orador da sua época, como assegura mestre Cesar Vanucci, nosso presidente da Amulmig.

Chagas foi defensor do Caminho do Meio, sem radicalismo, a favor do diálogo com amplos setores.

Suas frases eram primorosas e dizia:

"A democracia é ou não é. Ou existe, íntegra e intacta, gerando direitos e impondo deveres, ou já não passará de uma impostura".



"O sacerdócio das boas causas é imortal no tempo e no espaço. Permanece através das épocas e das gerações porque as ideias não morrem".

Sobre Juscelino Kubitscheck, dizia que "era alegre como uma janela aberta de servir e ser útil"

Para ele, Chagas, "Juscelino é o contemporâneo do futuro".

Meu patrono como médico citava também o filósofo Aristóteles que já havia chamado a atenção para as doenças que corroem todos os governos: a tirania, a doença das aristocracias, e a demagogia, a doença das democracias. Diagnóstico certo e inequívoco para fundamentar a receita de um bom governo.

Chagas era progressista e sua mente genial e irreverente. Nacionalista, chegou ao posto de Ministro da Saúde no governo de João Goulart, ao lado do grande Darcy Ribeiro, na Casa Civil.

Batalhou por um país democrático e soberano, longe do colonialismo.

Foi deposto pelo famigerado golpe econômico/militar de 1964.

Assim o Brasil perdeu a oportunidade de alavancar seu desenvolvimento econômico e humano.

Paulo Pinheiro Chagas, assim como outras grandes figuras como Pedro Nava, João Guimarães Rosa, consagrou também a fórmula de médico e escritor que siga.

Atamendi dizia que "o médico que só medicina sabe, nem Medicina sabe".

Viva PPCHAGAS!

www.franciscoreisbastos.com.br

POLITICA, DEMAGOGIA E OS VENDEDORES DE SALSICHAS

"Se soubéssemos como são feitas as salsichas e as leis, não comeríamos salsichas, nem obedecermos as leis"

(Otto von Bismarck)

Em sua peça "Os Cavaleiros", o dramaturgo grego Aristófanes que viveu entre 447 a.C e 385 a.C, faz o retrato burlesco de um político demagogo, comparando-o a um vendedor de salsichas. Critica mordaz das práticas políticas e sociais de sua época, dentre elas a corrupção, o autoritarismo, a retórica manipuladora, quando não cínica utilizada pelos líderes para explorar as massas. Vinte e cinco séculos são passados e praticamente nada mudou!

O título da peça "Os Cavaleiros" é uma referência a uma classe privilegiada da época, ligada à elite militar e política, que, nos tempos atuais, se acresceriam, provavelmente, a judiciária, a fiscal, a magisterial universitária. Na obra, Aristófanes transpõe um debate entre Cleon, populista convencional e um outro populista radical, por profissão vendedor de salsichas, que se atacam, proferem ameaças mútuas, sobressaindo a hipocrisia, a farsa, o embuste tão típicos de nossos homens públicos. A teatralidade, onde as pessoas são condicionadas, quando não aliciadas, por avenças e recompensas visuais, sonoras, sensoriais de toda sorte, que funcionam como gatilhos psicológicos a extremismos, radicalismos, viciações e mesmo a instrumentalização em nome de Deus, tema peculiar a certas denominações e lideranças religiosas. O vendedor de salsichas vence o debate, para delírios dos circunspectantes, orgulhando-se de ser capaz de "fazer falsas promessas sem sorriso, mesmo depois de roubar".

Receita, segundo Aristófanes, para se consagrar um demagogo, um populista envolvente e extremado, representado na comédia, como vimos, como vendedor de salsicha: "Misture e amasse todos os negócios do Estado como faz com suas sals-

cihas. Para conquistar as pessoas, cozinhe sempre o que elas querem comer. Afinal de contas, você possui todos os atributos de um demagogo: uma voz estridente e desagradável, uma natureza má e a linguagem do populacho. Você tem o que é necessário para governar".

Somos assacados, menosprezados, tapeados com shows e pirotecnicas, diuturnamente, por políticos e governantes, "minoria das minorias" no dizer do escritor Eduardo Galeano, que se locupletam de toda sorte de benesses, privilégios, vivendo de farândolas e festivais oriundos do Erário, enquanto a população sobrevive de auxílios sociais, migalhas, alienações, os impostos mais escorchantes, sem segurança pública, saneamento básico, educação e saúde de qualidade, não sobrando recursos públicos para obras de infra-estrutura como estradas, portos, hospitais, creches e afins. Cortesãos, cupinhas de palácios como na alegoria de Saint-Exupéry: "Na verdade, durante séculos, as estradas nos enganaram. Pareciam aquela rainha que desejou conhecer os seus súditos e saber se eles gostavam de seu reino. Os cortesãos, para iludi-la, ergueram, ao longo das estradas, cenários felizes e pagaram a artistas que dançasse ali fora daquele estreito caminho, ela nem sequer entreviu nada e não soube que, pelos campos adentro, seu nome era amaldiçoado pelos que morriam de fome" (In "Terra dos Homens", 1973, p. 54).

Não imaginam os homens públicos, dados seus privilégios afrontosos, sua arrogância, como são malvados, abominados pelo cidadão comum, este extorquido cotidianamente pelo Estado fiscalista e corrupto, sem investimentos de infra-estrutura (estradas, saneamento, escolas de qualidade etc) e cujos recursos são drenados para servir a salsicheiros, fazedores/cumpri-dores de leis injustas, deturpadas, muitas delas antipatrióticas..

Estamos vivendo, afinal, "A era do ressentimento", segundo o filósofo Luiz Felipe Pondé", título de obra recém lançada e que merece a atenção das pessoas sérias.

WWW.CHAPPATTE.COM/FR/IMAGES/GREEK-THEATER / DIVULGAÇÃO



A Voz do Brasil completa 90 anos marcando a comunicação pública brasileira

A *Voz do Brasil* celebrou 90 anos, dia 22/07/2025, com uma edição especial que contou com a participação do presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), e depoimentos de ouvintes. O programa se destaca pela evolução, profissionalismo e força como fonte direta de notícias. Considerado o mais antigo do Brasil e do Hemisfério Sul, o programa entrou para o *Guinness Book*, o Livro dos Recordes, em 1995.

As comemorações buscam ressaltar a relevância do programa e reforçar o seu papel de levar informações sobre os Poderes a todos os municípios do país. Ele alcança cerca de 70 milhões de ouvintes, segundo dados da Agência Brasil. A Câmara dos Deputados divulga o jornal produzido pela Rádio Câmara com base nas atividades do Plenário, das comissões e das demais atividades legislativas do Parlamento.

A campanha comemorativa é realizada por um grupo de trabalho que reúne os órgãos responsáveis pelos blocos do programa:

Poder Executivo (EBC);

Poder Judiciário (STF);

Senado Federal (Jornal do Senado);

Câmara dos Deputados (Jornal Câmara dos Deputados); e

Tribunal de Contas da União (Minuto do TCU).

Além de uma identidade visual própria, a celebração incluirá programação especial, trilha sonora exclusiva, rádio itinerante, postais para visitantes do Congresso. Na ocasião, serão lançados oficialmente um selo e uma moeda comemorativos, em parceria com os Correios e a Casa da Moeda.

A HISTÓRIA DA VOZ DO BRASIL

O programa surgiu em julho de 1935 como *Programa Nacional*, criado para divulgar os atos do Estado Novo (Era Vargas). Três anos depois, virou *A Hora do Brasil*, com transmissão obrigatória em todas as emissoras de rádio, sempre das 19 às 20 horas. Em 1961, o presidente Jânio Quadros usava o programa para dar recados de última hora.

O nome *A Voz do Brasil* passou a ser usado em 1971. Desde então, o programa mudou algumas vezes. Em 1998, por



Identidade visual dos 90 anos da Voz do Brasil

exemplo, ganhou uma locutora. A famosa abertura com a frase "Em Brasília, 19 horas", dita por uma voz masculina forte, virou marca registrada. Com o tempo, surgiram outras aberturas, como: "Está no ar a sua voz, a nossa voz, A Voz do Brasil".

A retransmissão do programa é obrigatória. Atualmente, as emissoras de rádio devem veicular diariamente o conteúdo entre 19 e 22 horas, exceto aos sábados, domingos e feriados.

MOMENTOS HISTÓRICOS

O programa *A Voz do Brasil* cobriu grandes fatos ao longo de sua história, incluindo:

A morte do campeão de Fórmula 1 Ayrton Senna (1994);

A morte do político Ulysses Guimarães;

O atentado terrorista de 11 de setembro;

O nascimento da Constituição de 1988.

Também transmitiu momentos marcantes como:

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945);

A morte de ídolos como Carmen Miranda (1955);

A inauguração de Brasília (1960).

Da Assessoria de Imprensa da Câmara dos Deputados

Fonte: Agência Câmara de Notícias

NOTA DE FALECIMENTO:



**SR. ALTAIR
DE MINAS
CAPUTO**

★ 20/09/1946
† 08/09/2025

Altair de Minas Caputo, um homem cuja grandeza se revelou justamente na sua simplicidade, humildade e serenidade. Um ser humano que, sem precisar levantar a voz ou buscar holofotes, conquistava todos ao seu redor pelo exemplo, pelo caráter, pela disponibilidade em servir e pelo amor silencioso que transbordava de seu coração.

Resignado diante das adversidades, forte diante dos desafios e profundamente generoso, foi sempre presença constante e fiel nas causas que abraçava. Na vida profissional, marcou história como um servidor público exemplar à frente da Tesouraria da Prefeitura de São Tiago, onde exerceu sua função com honestidade, zelo e comprometimento, conquistando o respeito de todos que tiveram o privilégio de conviver com ele.

No esporte, dedicou-se com amor e devoção ao Cruzeiro Esporte Clube de São Tiago. Viveu intensamente cada momento no clube: treinador, presidente, camiseiro, membro da diretoria, sempre disposto a fazer o que fosse necessário pelo bem da equipe. Sua paixão pela camisa preto e branca não era apenas sobre futebol, mas sobre a união, o espírito de equipe e o orgulho de representar a sua comunidade.

Na vida de fé, foi um servo incansável de Deus. Como Ministro Extraordinário da Eucaristia e coordenador desse mesmo grupo, dedicou-se com devoção à missão de levar Jesus aos corações. Atuou também como coordenador da Irmandade do Santíssimo Sacramento, sempre com amor profundo pela presença real de Cristo na Eucaristia. Viveu e testemunhou, com fidelidade e constância, a oração que carregava na alma: "Jesus, dá-me um coração semelhante ao Teu". E, olhando para a vida dele, percebemos que Deus, de fato, atendeu a essa súplica.

Claudiane Santiago

Literatura, pesquisa e convite ousado: o novo livro de Messias Santiago

Recebemos com satisfação um exemplar do livro Língua Pátria: *ideias inesperadas**. Assinada pelo grande Messias Santiago, a obra traz provocações já no título que, sim, tem mesmo um asterisco como detalhe. E é num canto da própria capa que a proposta se completa, alertando aos mais desavisados que as tais ideias podem ser “talvez incômodas”. De fato, Santiago é ousado e corajoso na pauta que levanta. Mas o faz com maestria, mesclando referências, sabedoria própria e uma primeira pessoa provocativa. “Uma profunda reforma, uma verdadeira revolução – eis aí o que nos implora a amada, sofrida e indefesa língua pátria. Você topa? Você se soma ao sonho grandioso deste fabuloso (potoca?) livreco?”, convida em um trecho.

Agradecemos novamente pela lembrança cultural e registramos, ainda, nossos votos de sucesso.



Registro/Cumprimentos

À Prof.: Glêdes de Castro, nossa conterrânea, por seu trabalho acadêmico “Interpretação da paisagem arqueológica através das análises pedogeomorfológicas, micromorfológicas e de artefatos cerâmicos” a título de pós-graduação em geografia – PPGEOG – Universidade Federal de São João del Rei. Seu trabalho de

pesquisa trata sobre a presença de materiais orgânicos (artefatos cerâmicos) das tradições indígenas em sítios arqueológicos de nossa região, suas distinções, semelhanças, identidade, permuta de tecnologia, rotas populacionais dentro do mencionado espaço geográfico (vertentes).

Pe. ANTONIO CORREA LIMA – NOTA DE ESCLARECIMENTO/REPARO

Em matéria deste boletim (nº CCX – março/2025), sobre o Revmº Pe. Antonio Correa Lima, pároco interino de São Tiago entre os anos de 1901/1902, há referência à sua circunstancial pugna religiosa contra curandeiros ou manifestações de cunho afroameríndio, de então. A transição entre os séculos XIX e XX foi um período confuso, conturbado de nossa história, fim da escravidão, pós-Proclamação da República (de ideologia reacionária, positivista, eugenista, oligárquica), a interiorização da medicina, de repressão a manifestações e crenças populares, enfim de busca de identidade nacional. Vários párocos de então faziam/ fizeram coro às investidas das autoridades republicanas e médicas – e mesmo doutrinárias – contra curandeiros, benzedores, num dos maiores e irreparáveis acites à cultura, religiosidade e lidímas manifestações populares pátrias (Ver matérias em nosso boletim nº CXCIX – abril/2024).

Pe. Antonio Correa Lima, segundo consta, era um sacerdote zeloso, laborioso, espírito missionário e combativo, com atuação em dezenas de paróquias mineiras,

havendo referências ainda à sua atuação em paróquias do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo o historiador Ronaldo Van Putten de Vasconcelos, o Pe. Correa – citado em processos judiciais da época e ainda consoante a oralidade popular – seria Pe. Francisco José Correa, que atuou, igualmente, em paróquias da região à época, como Piracema (1892-1895), Carmópolis, Oliveira etc. Na paróquia de Carmópolis, há registros canônicos seus em inúmeras datas – 1880, 1884, 1898, 1901, 1911, 1912 (Fontes: Marcus A. Santiago – “A História da Diocese de Oliveira” Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 2012 / Ronaldo Van Putten de Vasconcelos – “Genealogia e História da Família Pinto de Barros” – Ed. Autor, 2022).

O fato de inúmeros sacerdotes, à época, portarem o sobrenome “Correa” confunde os historiadores e mesmo a oralidade, gerando disjunções, interpolações e conflitos de dados, sejam biográficos, funcionais e correlatos.

Fica o nosso registro/reparo.

POVOADORES DE SÃO TIAGO

SÉCULO XIX

ANA ALVES DA CONCEIÇÃO

Dentre importantes moradores do curato de São Tiago, finais do século XVIII e inícios do século XIX, há menção ao casal Alferes Sebastião Manoel de Sá Chaves e D^a Ana Alves da Conceição, de cujo testamento (1847) foram extraídos os principais dados da presente matéria.

D^a Ana Alves da Conceição, com 17 anos em 1794, filha de Luis Caetano de Moura e Narcisa (Nazareth) Alves da Con-

ceição⁽¹⁾ foi casada com o Alferes Sebastião Manoel de Sá Chaves, n/b na freguesia de Santa Maria Val Passos, arcebispado de Braga, filho de Manoel Caetano de Sá e Domingas Fernandes, casamento realizado aos 23-06-1796. O Alf. Sebastião Manoel de Sá e D^a Ana Alves da Conceição foram proprietários da Fazenda Jacaré no curato de São Tiago.

CASAL COM 2 FILHOS:

I- Sebastião Alves de Sá, batizado aos 18-06-1797 na capela de São Tiago, sendo padrinhos José Mendes do Valle e Narciso Alves da Conceição.

II- Maria Alves da Conceição de Jesus batizada aos 03-01-1804 na capela de São Tiago, sendo padrinhos o Cap. Lourenço Ribeiro Brito e D^a Esméria Clara de Santa Rosa. Casada aos 30-11-1825 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) com Manoel José de Sousa, este batizado aos 02-09-1798, filho do Alferes Félix José de Sousa e D^a Izabel Alves da Conceição, sendo padrinhos Izidoro Rodrigues e Félix de Sousa Magalhães.

Manoel José de Sousa e Maria Alves da Conceição foram opulentos fazendeiros da região, proprietários da Fazenda da Cachoeira em Ritápolis e Fazenda Jacaré no curato de São Tiago.

Filhos do casal:

II.1 Francisco José de Sousa (+ 23-02-1853)

II.2 José Alves de Sousa c/c Bárbara Cândida de Resende

II.3. Cândido José de Sousa c/c Maria da Glória de Jesus

III- Ana Cândida do Amor Divino

IV- Maria do Carmo de Jesus c/c Antonio Pinto Lara

V- Maria Cândida de Jesus c/c Martiniano José Rodrigues, proprietários da Fazenda Caxambu

VI- Cândida Guilhermina de Jesus c/c Cap. Antonio Gonçalves de Assis

VII- Maria Ignez de Sousa Carneiro c/c Antonio Gomes Carneiro

VIII- Antonio Alves de Sousa c/c Maria Marcolina dos Santos, proprietários da Fazenda Soledade em Ritápolis

IX- João Tomás de Sousa c/c Maria Francisca de Sousa

X- Mecias Maria da Conceição c/c Cap. Antonio José Gomes Carneiro

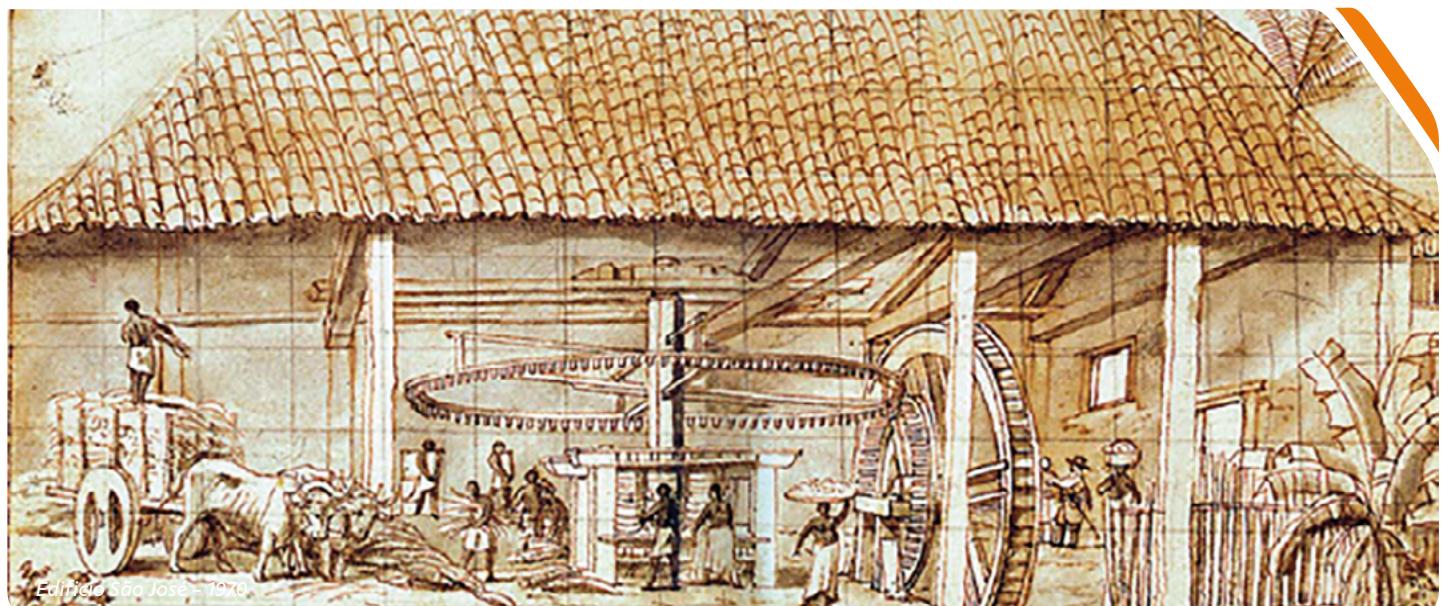
XI- Bárbara Carolina de Jesus c/c Miguel Arcanjo da Silva.

D^a Maria Alves de Jesus foi inventariada em 1878 – cx. 476 – IPHAN/SJDR e Manoel José de Sousa em 1885 (cx. 162) e 1886 (cx. 139).

No Censo 1831, distrito de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritápolis) Manoel é/foi listado com 33 anos, lavrador; D^a Maria Alves com 28 anos e os filhos Francisco 8 anos; Maria, 7 anos; José, 5; Cândido, 2 e Ana, hum ano.

Os bens inventariados são imensos, dentre outros: Fazenda Cachoeira com 150 alqueires de campos e 218 alqueires de

cultura; casas de vivenda com pailô, moinho, senxalas, curtumes, prensas de farinha, casas de estalagem e ranchos, casa de vinho, terreiros de café, casas de engenho; casas de residência com quintais em São João Del-Rei (na rua Formosa), Santa Rita e São Tiago; 550 alqueires de campos e 126 alqueires de cultura na Fazenda Jacaré, além de benfeitorias nesta fazenda – regos d’água, açudes, moinhos, lavouras e terreiros de café, tendas de ferreiro, senzalas, num total de 59:470\$000.



Viúva, D^a Ana Alves da Conceição ditou seu testamento aos 30-12-1839 no arraial de São Tiago, em casa de Pe. José Mendes dos Santos o qual redigiu o citado documento, com inventário aberto aos 31-03-1847.

D^a Ana Alves da Conceição nomeou como testamenteiros em 1º lugar seu genro Manoel José de Sousa; em 2º Francisco Alves de Sousa e em 3º seu filho Sebastião Alves de Sá.

Em seu testamento, D^o Ana Alves da Conceição determinou que seu corpo fosse "envolto ho hábito de Nossa Senhora das Dores" e "sepultada na igreja ou capela do meu falecimento" e ainda a celebração de "quarenta missas por minha alma", além de várias outras missas pelas almas de familiares e escravos falecidos, bem como carta de alforria de seu escravo Manoel, a destinação da terça de seus bens para suas netas "filhas do meu genro Manoel José de Sousa".

Fontes: Testamento de D^a Ana Alves da Conceição – 1847 = Cx. 01 – IPHAN/SJDR)

Projeto Compartilhar – Manoel Alves Carrijo

Projeto GeneaMinas – Manoel José de Sousa/Maria Alves de Jesus.

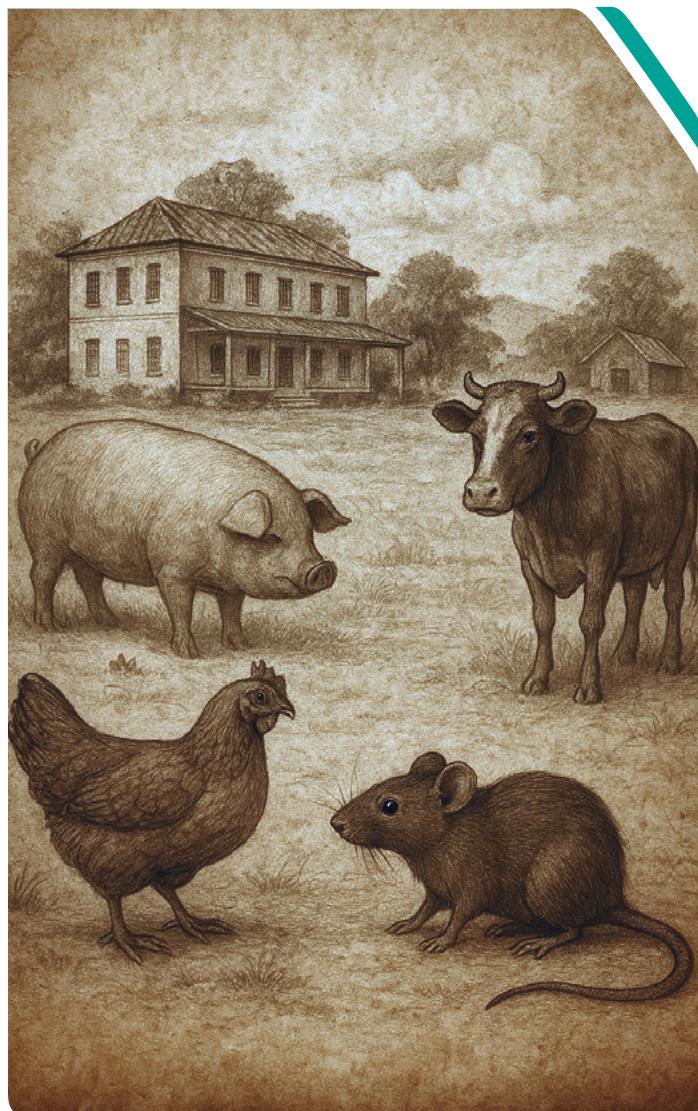
NOTAS

1)- Luiz Caetano de Moura era natural da freguesia de São Miguel de Gêmeos, termo de Bastos, arcebispado de Braga, filho de Manoel de Moura e Cecília Lopes.

D^a Narcisa Alves da Conceição n/b na freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito, filha de Manoel Alves Carrijo e Ana Maria da Apresentação. O casal Luiz Caetano e D^a Narcisa Alves casou-se aos 24-01-1770 na igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem (Itabirito). Foram proprietários da Fazenda Paciência em São Gonçalo do Brumado (Caburu).

A Lição do Rato

Por Luiz Boudakian



Um rato, olhando pelo buraco na parede, vê o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote.

Pensou logo no tipo de comida que haveria ali. Ao descobrir que era ratoeira ficou aterrorizado.

Correu ao pátio da fazenda advertindo a todos: – Há ratoeira na casa, ratoeira na casa!!!

A galinha: – Desculpe-me Sr. Rato, eu entendo que isso seja um grande problema para o senhor, mas não me prejudica em nada, não me incomoda.

O rato foi até o porco e: – Há ratoeira na casa, ratoeira!

– Desculpe-me Sr. Rato, mas não há nada que eu possa fazer, a não ser orar. Fique tranquilo que o Sr. será lembrado nas minhas orações. O rato dirigiu-se à vaca e: – Há ratoeira na casa,

– O que? Ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!

Então o rato voltou para casa abatido, para encarar a ratoeira.

Naquela noite, ouviu-se um barulho, como o da ratoeira pegando sua vítima. A mulher do fazendeiro correu para ver o que havia pego. No escuro, ela não percebeu que a ratoeira havia pego a cauda de uma cobra venenosa. E a cobra picou a mulher...

O fazendeiro a levou imediatamente ao hospital. Ela voltou com febre.

Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre, nada melhor que uma canja de galinha.

O fazendeiro pegou seu cutelo e foi providenciar o ingrediente principal.

Como a doença da mulher continuava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la.

Para alimentá-los, o fazendeiro matou o porco. A mulher não melhorou e acabou morrendo.

Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro então sacrificou a vaca, para alimentar todo aquele povo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na próxima vez que você ouvir dizer que alguém está diante de um problema e acreditar que o problema não lhe diz respeito, lembre que quando há uma ratoeira na casa, toda fazenda corre risco.

O problema de um irmão é problema de todos nós!

"Nós aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas ainda não aprendemos a conviver como irmãos"
Martin Luther King Jr

"JUNTOS SOMOS FORTE"

Rítmos do mar e da vila



Na vila costeira iluminada pela luz suave da baía, o entardecer empresta ao ambiente um ritmo especial. Na calçada, as mesas dos cafés enchem-se de pessoas, enquanto as águas calmas refletem o brilho das luzes que decoram as árvores ao longo da margem. A atmosfera é de convivência, e cada rosto parece trazer consigo um pouco da história daquele lugar.

Entre os habitantes da vila, Manuel, um pescador reformado, passa os dias a reparar redes e a partilhar memórias com os visitantes. A sua banca improvisada junto ao cais nada vende; oferece palavras. Manuel fala dos tempos em que, ao amanhecer, enquanto a vila ainda dormia, os barcos saíam para pescar. "O mar tem segredos que só ele entende", costuma dizer com um sorriso sereno.

Mais adiante, na pequena loja de tecidos, Carolina trabalha no seu último projeto: uma coleção de mantas inspiradas nas cores do mar e nas flores da vila. O seu talento é reconhecido por todos, e os turistas levam as suas peças como recordação de um lugar que parece parado no tempo. Carolina borda cada ponto como se contasse um pouco da história da vila, e cada manta é única, como as vidas de quem ali vive.

Num dos barcos atracados, Miguel prepara-se para mais uma noite de pesca. Apesar de jovem, herdou a sabedoria do avô e conhece bem o ritmo do mar. Antes de partir, senta-se junto da mãe, que lhe entrega um pequeno saco com pão e queijo para a jornada.

— Lembra-te sempre, Miguel, o mar dá, mas também pode tirar. Respeita-o — diz ela, num misto de amor e de advertência.

Miguel sabe o que aquelas palavras significam. O mar é um companheiro imprevisível: generoso nas noites boas, mas implacável quando os ventos mudam. O avô costumava contar-lhe histórias de pescadores que haviam ignorado sinais de tempestade ou desafiado os limites que o mar traçara.

— Não é uma questão de medo, mas de percepção — dizia o avô. — Aprender a ouvir o vento, a ler as ondas, a entender quando o silêncio do mar esconde algo maior.

Enquanto ajusta as redes, Miguel olha em direção ao horizonte. Sabe que, para muitos, o mar é apenas a beleza das on-

das revoltas, mas, para ele, é uma entidade viva, com poder, vontade e mistério. Naquela noite, como em todas as outras, ele seguirá os ensinamentos da família: nunca virar as costas ao mar, nunca o subestimar, e sempre dar algo em troca — um pensamento de gratidão e o cuidado de não poluir as suas águas.

Com a noite a aproximar-se, as pessoas afluem cada vez mais à calçada. Um músico local, com o acordeão nas mãos, toca melodias familiares, e as crianças correm entre os adultos. A luz dourada do entardecer mistura-se com as cores das lâmpadas, criando uma cena que parece retirada de um quadro.

Na vila costeira, o tempo não é medido pelo relógio, mas pelo som das conversas, o cheiro a maresia e o brilho das luzes que dançam na água. Para os seus habitantes, cada dia é uma nova oportunidade de construir memórias simples mas profundas, em harmonia com o ritmo da vida junto ao mar.

Minerva Krug
Rumos – Em Defesa do Ambiente



AO PÉ DA FOGUEIRA



SONHADA AQUISIÇÃO DE UM TRATOR

O sonho de possuir um trator, acalentado anos a fio, máquina imprescindível aos serviços da fazenda, enfim, estava prestes a se consumar. Meados da década de 1960. São Flores, fazendeiro laborioso e arrojado, estava eufórico. Encontrara ele à venda um exemplar praticamente novo, Massey Ferguson, o famoso trator cinquentinha,⁽¹⁾ com respectivos apetrechos, tudo de seu pleno gosto, em cidade vizinha, negócio praticamente fechado. Poderia, doravante, expandir lavouras, melhorar as estradas de acesso, dar um salto em seus empreendimentos. e que, sem maquinários, mantinham-no e à propriedade de mãos atadas.

Após vender uma partida de rotundos garrotes e complementar com um empréstimo junto ao banco oficial – daqueles e naqueles tempos em condições de pai para filho, prazo a se esticar por décadas, juros subsidiados – reunira, finalmente, o valor necessário à aquisição do tão devaneado equipamento. O banco oficial mantinha, então, o monopólio da concessão de crédito rural no País, dispondo, em nosso meio, de agências regionais, em cidades polo, dentre elas São João Del-Rei, Oliveira, Bom Sucesso, Lavras. As cidades menores da região não contavam, então, com nenhuma modalidade de atendimento bancário, sequer agências oficiais ou privadas. Mesmo cooperativas de crédito, como o SICOOB CREDIVERTENTES, a primeira da região, só surgiram tempos depois, na década de 1980.

O fazendeiro recebe comunicado da agência regional do banco que o empréstimo havia sido liberado, estando disponível em sua conta corrente, solicitando-lhe a presença – dia e hora pré-determinados pela agência – para formalização final do contrato, havendo ainda algumas assinaturas a serem processadas, documentos e informações checadas. A liberação do recurso já autorizada. Teria, ao que parece, comentado o assunto com alguns conhecidos e vizinhos quanto à viagem. Para lá, ao volante de sua possante Rural Willys, dirige-se o soridente fazendeiro. Está acompanhado por um dos filhos. Tempos em que não havia assaltos a bancos nem mesmo as chocantes “saidinhas” de bancos, fenômenos que apareceriam, com frequência, no dia a dia do País nas décadas seguintes. Contrato formalizado, fazem o saque do dinheiro em espécie no caixa da agência, valor a ser entregue, ao vendedor – que exigira pagamento em espécie – na cidade de origem. Em números de hoje uns R\$ 60.000,00.

Dali dirigem-se à residência de uma parenta próxima, na área central, onde faziam “ponto” habitualmente, quando em estadia naquela cidade. Descem do veículo, sobrando os pacotes de dinheiro, adentrando a residência, onde tem o cuidado de bem fechar a porta. Festivamente recepcionados, após cumprimentos de praxe e um bate-papo inicial, são convidados para um lauto café na cozinha, acondicionando, para tanto, os pacotes sobre uma escrivaninha, em um dos quartos internos da casa. Absortos à mesa, café recheado de quitandas e muita prosa, a agradável hospitalidade dos parentes, são sobressaltados por barulho estridente vindo da sala. Acorrem, em sobressalto, num átimo até o local, oportunidade em que vislumbram vultos ganhando atabalhoadamente o portão de saída da residência e dali à rua, sovertendo-se entre transeuntes e veículos. Segundo testemunhas, havia um veículo em uma das esquinas, à espera já dos invasores, na verdade delinquentes.

Correm ao quarto onde tinham acondicionado os pacotes, nada mais encontrando. Os larápios tinham adentrado pelo janelão lateral, que ficara, inadvertidamente, destrancado. Fora o ingênuo fazendeiro vítima de ardiloso furto. Os ladrões tinham, decerto, olheiros na agência bancária, acompanhando ardilosamente pai e filho até a residência. Noticiada a polícia, nada se conseguiu apurar, havendo suspeitas de participação de conhecidos do fazendeiro na pilhagem do dinheiro. Ou, quiçá, de servidores do estabelecimento bancário, o saque fora previamente agendado e de conhecimento interno da agência.

Teria que esperar mais alguns anos para adquirir o tão sonhado trator, além de se esforçar e diligenciar muito para pagar o empréstimo do banco, levado pelos assaltantes....

NOTAS

1)– A Massey Ferguson lançara em 1961 seu primeiro trator no Brasil, o modelo 50X, com 36 cavalos, peso 14.610 kg, mais conhecido como “Cinquentinha”, produzido em sua fábrica em Taboão da Serra (SP). Esse modelo hoje é uma verdadeira relíquia.

A empresa Massey Ferguson (Massey Manufacturing) foi fundada em 1847 no Canadá com o objetivo de produzir implementos agrícolas, iniciando-se com a fabricação de desbuhadores de milho. Seus primeiros tratores foram lançados no mercado em 1919, quando a companhia já se chamava Massey-Harris.

Realização:



Apoio:

